ANO 15.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 1935 N.º 4578

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 6271, 2 6272 e 2 6273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

JÁ não é a primeira vez que o nosso colega A Montanha, *do Porto, transcreve do* Diario de Lisboa *artigos, quer assinados, quer anonimos, sem fazer a mais pequena alusão ao nosso jornal.*

No numero de quarta-feira ultima, por exemplo, foi-se ao artigo de fundo do nosso director e estampou-o na sua primeira pagina, como se fosse escrito expressamente para aquele jornal.

Estamos já habituados a que outros jornais, e nomeadamente os nossos prezados colegas do Porto, se sirvam de informações privativas do Diario de Lisboa *e as reproduzam textualmente, sem lhes citar a origem.*

Ora, ha uma propriedade jornalistica, como ha uma propriedade literaria, cujos direitos temos obrigação de respeitar. Uma noticia em primeira mão traz a um jornal encargos de que não participam aqueles que se aproveitam dela e que se limitam a fazer uma pequena despesa de cola e a utilizar os serviços duma tesoura, colaborada docil e economica de certas redacções.

Admitimos, no entanto, que outros jornais se utilizem dessa informação, se tem interesse publico, ou transcrevam artigos e entrevistas com os quais concordem ou simplesmente a titulo de informação para os seus leitores. Mas é da mais elementar correcção citar o nome do jornal onde foram beber a noticia ou transcrever o artigo. Caso contrario, cometem uma feia acção, qual é a de se apropriar indevidamente duma coisa que não lhes pertence, sem ao menos pedirem vénia para o fazer.

* * *

EM 1889, a 31 de julho, um padre italiano, de 32 anos, agil e decidido, resolveu fazer a ascensão do Mont-Rose, no Alpes, pela vertente italiana, logrando, ao cabo de porfiados esforços e coragem, atingir a colina Zumstein, a 4.450 metros, e descendo de novo, por outro caminho, em direcção a Zermalt, na Suiça.

Foi uma façanha ainda hoje relembrada, e tanto que o Club Alpino Italiano fez colocar ha dias no alto de Zumstein uma placa de bronze comemorando o facto.

O padre, que tem hoje 78 anos e certamente saudades do alpinismo, chama-se Achilles Ratti, e é hoje S. S. Pio XI.

* * *

CONTA o «Diario do Alentejo» que, em Vale de Meselo, freguesia de Semide, concelho de Miranda do Corvo, um gato que costumava enroscar-se no ninho onde uma galinha ia pôr, chocou 8 ovos, dos quais sairam ha dias dois pintos.

O mesmo jornal comenta: «Aqui está um trabalho que a galinha, por melhor que fôsse a sua vontade, seria incapaz de pagar. Porque o gato pode chocar ovos e a galinha não pode criar gatos»...

CULTURAS

Não apenas porque a botanica, na alegria vegetal dos arbustos e das flores, implica a idéa de cultura — a dos laboratorios experimentais dos parques e jardins, viveiros de beleza — mas porque de facto a obra municipal que a esta causa diz respeito é, sob todos os aspectos, cultural da inteligencia, instrutiva tanto como moralmente higienica, bom foi e legitimado está que no mesmo homem e numa unidade de orientação dentro dos varios serviços da Camara se tivessem concentrado as responsabilidades dos dois pelouros: o de cemiterios e jardins, e o propriamente cultural do espirito.

Fomos das pessoas que quando se criou o pelouro cultural — ha cêrca de dois anos e meio — o reputaram util, mas não indispensavel ou autonomo.

Parecia-nos que bastava criar um departamento cultural junto da Presidencia. Reconhecemos hoje que a razão não estava do nosso lado naquela simples discripancia.

Um pelouro cultural está absolutamente indicado numa cidade como Lisboa, ou noutra que tenha responsabilidades de capital, como o Porto — ao que lemos — vai tambem criar o seu pelouro cultural.

E não simplesmente pela afinidade dos vocabulos, é admiravel que á obra de cultura dos espiritos se ligue a do desenvolvimento dos parques e jardins, a da arborização tão necessaria da cidade, nas arterias novas e nas avenidas que se rasgam.

As ultimas declarações do vereador destes serviços, sr. tenente coronel Pereira Coelho, levam a crer que a Camara não descura estes assuntos, visto que responsabilidade alguma tem na devastação do arvoredo doente, condenado pelas estações oficiais florestais.

Não se improvisam parques, não se alarga a area arborizada de uma cidade da mesma maneira que se fazem posturas ou decretos.

Mas — prepara-se. Orienta-se. Lança-se a semente, fazem-se as cavas, planta-se o arbusto.

Esta obra só por si é meritoria, e eis o que a cidade espera da actual vereação municipal. — N. A.

— Bons tempos.... Era ali, naquele moinho abandonado que ele me moia a paciencia antes de nos casarmos....

EM 16 de maio passado realizou-se em Viena de Austria o IV Congresso pan-europeu. Este Congresso, como a propria idéa que o norteou, tem uma feição idealista pura, que passa quasi despercebida no mundo culto, talvez por julgar inoportunas ou demasiadamente abstractas as doutrinas do regresso da Europa a si propria.

Numa das sessões, e na qual falou o chanceler austriaco Schuschnigg, o discurso capitular foi pronunciado pelo dr. Condeichove-Kalergi, presidente efectivo do Congresso. Seja qual fôr o pensamento dominante deste grupo, aliás numeroso, pan-europeu, é interessante transcrever uma parte da oração do sr. Kalergi, escutada religiosamente e aplaudida depois pelos delegados de muitos paises europeus:

«A luta pelo espirito europeu é ao mesmo tempo uma luta bela concepção idealista. A civilização classica baseia-se, tanto nessa concepção, tanto como a religião cristã e as regras da vida da cavalaria.

A lealdade classica, o amor cristão, e a honra cavalheiresca são três dimensões da alma europeia, e que residem na convicção de que o corpo não é senão a sombra da alma. O homem não se deve votar ao prazer mas á perfeição, e a politica e a economia não são os fins supremos, mas funções de valor espiritual e moral. Os verdadeiros europeus são os herdeiros espirituais de Platão.

Este idealismo europeu vê-se hoje ameaçado de todos os lados pelas teorias materialistas do bolchevismo, pelo materialismo pratico do americanismo e, na propria Europa, pelo materialismo racista que ambiciona substituir os laços espirituais e morais pelas concepções materiais do corpo e do sangue. Estas novas formas materialistas só podem ser vencidas pelo regresso ao idealismo europeu».

* * *

TRANSCREVEMOS de «O Comercio do Porto»:

«A permuta de relações culturais e afectivas entre os povos não é uma palavra vã. Entre os muitos exemplos dos resultados benéficos que advêm do progressivo desenvolvimento dessas relações, traduzindo-se na divulgação do conhecimento do nosso país no estrangeiro, avulta a impressão, a todo o ponto lisonjeira, de que Portugal levou o jornalista e combatente, em Verdun, Jacques Péricard, que recentemente nos visitou, a convite da Liga dos Combatentes.

Em carta que dirigiu ao sr. engenheiro Custodio Guimarães, presidente da Agencia do Porto, termina com as seguintes frases:

Portugal é, de facto, um grande país, e o Porto uma cidade encantadora.

Se não fôsse francês quereria ser português».

* * *

POR um decreto hoje publicado na folha oficial, é proibido o uso, por parte dos alunos dos estabelecimentos de ensino do Estado, de dicionarios e gramaticas da lingua portuguesa que não estejam escritos na ortografia oficial.

A este numero do "Diario de Lisboa„ corresponde um suplemento literario de quatro páginas

A "Festa Veneziana" no Estoril

Na noite de 21 do corrente na piscina e no «hall» das termas

A «Festa Veneziana» a que já nos referimos efectua-se na noite de quarta-feira proxima, 21, na piscina e nas Termas do Estoril, sob organização e realização de Augusto Pina e com o seguinte programa:

Valse concert—Moscokowsky—pela primeira bailarina Lucy Snow e oito dansarinas;

Torna a Surriento—Curtis—e *Mandolinata a Napule*—Tagliaferri—pelo tenor Guilherme Kjolner;

Pizzicato—Delibes—pela bailarina Lucy Snow.

Barcarolas, por m.elle Celeste Costa, dois grandes premios de canto em 1934 no Conservatorio Nacional;

Bacchanale (aprés preludium) pela bailarina Lucy Snow e oito dansarinas.

Este programa é realizado na piscina, num quadro de evocação da Veneza do Seculo XVIII, representando um trecho do canal á noite.

Extra-programa, far-se-á ouvir, na recitação de poesias italianas, o artista dramatico e director cinematografico italiano Mario Parpagnoli, que se encontra veraneando no Estoril e gentilmente anuiu a um convite de Augusto Pina.

Depois do programa da piscina, segue-se a ceia no hall, em mesas pequenas, e um baile, com orquestra. Durante a ceia, vinte bailarinas dansarão o celebre *Minuete* de Bucherini.

Todos os bailados são dirigidos pela bailarina Ruth Aswin.

VIDA ARTISTICA

A Exposição da Casa da Imprensa

Continua a ser muito visitada a Exposição de Artes Plasticas promovida pela Caixa de Previdencia de Profissionais de Imprensa de Lisboa, na rua do Loreto, 13, a fim de, com o produto da venda das obras expostas, poder ser aumentado o fundo do cofre de Pensões a viuvas e orfãos de jornalistas.

O local onde fica a séde da mesma mutualidade está assinalado por uma fita suspensa das janelas do respectivo predio e do fronteiro.

Segundo a autorizada opinião dos primeiros criticos de arte de Lisboa, este certame e caracterizado pela reunião de alguns trabalhos de superior valia que os mais notaveis pintores, escultores, caricaturistas e desenhadores portugueses têm produzido ultimamente.

Entre as obras adquiridas contam-se os admiraveis desenhos «No hospital de campanha», de D. Raquel Roque Gameiro; «A garota», de Carvalhais; «Praça do Geraldo—Evora»; de Ortigão Burnay; «Varina», de Jorge Barradas; «Cabeça de Mulher», de Julio de Sousa; «Estudo de nu», de Diogo de Macedo; e «Silva Passos», de Ferreira de Albuquerque; as interessantissimas caricaturas n.os 25, 26 e 28 do catalogo *charges* de Francisco Valença; «Lino Ferreira», de D. Saraiva; «Teixeira Cabral», de Natalino; e as formosas aguarelas «Luz Vermelha», de Joaquim dos Santos; «Natureza morta», de D. Signa Osorio Teixeira Rebelo; «Manhã», de Rocha Vieira; e «No rio», de Gabriel Constante.

A exposição continua aberta todos os dias, das 11 ás 19 horas.

Excursão de catolicos franceses

No proximo dia 20 á noite é esperado em Lisboa o Grupo Amizade dos Catolicos Franceses, do qual fazem parte 50 catolicos jornalistas, escritores, engenheiros, medicos e sacerdotes.

No dia seguinte á sua chegada, os ilustres visitantes são recebidos pelos srs. Cardial Patriarca e Nuncio Apostolico. Não está ainda marcado o dia em que serão recebidos no Palacio Nacional de Belem, pelo sr. presidente da Republica.

No dia 23 visitam a Batalha, Coimbra e Porto, abandonando o nosso país no dia 29, em direcção a França

Os excursionistas catolicos, que vêm propositadamente a Portugal, viajam em *auto-cars*.

Liga dos Combatentes

Estando a Agencia de Lisboa da Liga dos Combatentes a preparar para nova edição da «Agenda do Combatente», direcção solicita dos comerciantes, industriais e quaisquer outras entidades o favor de lhes comunicar os beneficios ou regalias que aos seus associados, familias, viuvas e orfãos, desejam conceder.

GRANDE HOTEL DUAS NAÇÕES
Serviço Esmerado
Curia — Grande Hotel da Curia

TEATROS E CINEMAS

"A Castro", em Alcobaça

Esta despertando um interesse invulgar o grande espectaculo teatral que a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, realiza no dia 25 de agosto, no adro do mosteiro de Alcobaça.

Representa-se a famosa tragedia A Castro, *do dr. Antonio Ferreira, na versão original, tendo como fundo, de grandiosa beleza, a est renda moldura arquitectonica do conven que será iluminada e decorada a capricho, numa visão inesquecivel de beleza e de emoção.*

O grande poeta Afonso Lopes Vieira acedeu a escrever um poema, alta maravilha lirica, que será dita por Palmira Bastos á guisa de prologo.

Amelia Rey Colaço está empenhada, em que o espectaculo, o primeiro que se realiza no historico local, seja ainda mais belo e perfeito, que o inesquecivel auto de Santo Antonio figurado no escadario da Sé, de Lisboa. A realidade e a sugestão dessa noite maravilhosa completam-se com o enterro da linda Inez, num desfile imponente, que será, sob todos os aspectos, um documentario formidavel da epoca, na sua côr e indumentaria caracteristicas.

Nas bilheteiras do Nacional, estão á venda bilhetes para este sensacional espectaculo, tendo a sua procura, nos ultimos dias, sido verdadeiramente excepcional.

"O Rei da Selva" e "Sem familia" hoje, no Capitolio

Um programa sedutor o que hoje se exibe ao ar livre, no Terraço do Capitolio: «O Rei da Selva», elefantes, tigres, leões, toda a selva em massa que cai sobre a cidade ao incendiar-se o circo. Um filme de sensações fortes e arrebatadoras, por Buster Erable e «Sem familia», mimosa comedia de grande beleza visual, com Robert Lynneu, o extraordinario artista de «O Reisinho» e de «Poil de Carotte». A entrada no Capitolio custa apenas 1$60, com direito a subir no tapete rolante.

Atrás do reposteiro

O actor Erico Braga, convidou o seu colega Vasco Sant'Ana, que aceitou, para realizar uma serie de espectaculos, com uma pequena revista na Figueira da Foz.

—As peças que o actor Alves da Cunha pensa representar na proxima época são: «Miguel Strogoff», «Poema de Amor» e «A Volta ao mundo em 80 dias».

—A engraçada comedia «O Pai da Menina» continua chamando farta concorrencia de publico ao Teatro Nacional, agora ansioso por admirar o impagavel actor Nascimento Fernandes, no protagonista da hilariante comedia, verdadeira fabrica de gargalhadas e que deixa o publico numa optima disposição de espirito.

Com uma graça inocente, sem o mais leve dito equivoco, a comedia «O Pai da Menina» é uma peça que pode ser vista por toda a gente.

—A revista que Carlos Correia e Francisco Silva acabam de escrever, intitula-se «Marcha atrás», e tem 2 actos e 21 quadros.

—O actor Francisco Ribeiro declinou o convite para ingressar na companhia Maria Matos.

—O actor Abilio Alves fará parte da companhia de revistas que funcionará em outubro proximo no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, e da qual é primeira figura a actriz Luiza Satanela.

—«Manuel Ceguinho» é o nome do «compére» da revista popular «Olha o Balão» em ensaios no Teatro Avenida, que terá cenarios de Almeida & Duarte entre outros cenografos.

—A segunda peça a subir á cena no Teatro Avenida, na época de inverno pela companhia Maria Matos é a comedia «Anacleto se divorcia», de Muñoz Seca e Perez Fernandez.

—Teve a amabilidade, que agradecemos de nos apresentar cumprimentos de despedida, por partir para a sua patria, o distinto artista brasileiro Valdomiro Lobo. Desejamos-lhe boa viagem.

—No «Hilary», segue amanhã para o Pará onde vai fazer as festas da Nazaré, seguindo depois para o Rio de Janeiro, o actor Waldemiro Lobo, que conta voltar a Portugal, a cumprir um contrato, no proximo inverno.

—Repete-se hoje em espectaculo inteiro ás 21 e 45 a peça das multidões, «As Duas Garotas de Paris» em cena no Politeama.

—Estreia-se hoje, no Teatro Avenida, o bailarino Francis que com a sua «partenaire» Ruth Walden, que executará alguns dos seus mais brilhantes bailados, na revista «A Loja do Povo».

—Hoje, noite da moda no Luna Parque, vai ser por certo extraordinariamente brilhante o espectaculo do lindo recinto de diversões aonde se junta ás sextas-feiras tudo quanto a capital tem de mais elegante e mais distinto.

—O actor Alves da Cunha e a actriz Berta de Bivar não entram na peça «O Locambole» em ensaios no Politeama, sendo substituidos respectivamente pelos artistas Abilio Alves e Maria Salomé.

—De Madrid recebemos um amavel cartão de cumprimentos do artista português Janou, que anda em viagem de estudo e de recreio.

—Consta que o grande actor José Alves da Cunha, que já firmou contrato, como empresario, para a exploração dum teatro de Lisboa, abrirá sua temporada com a celebre peça de grande montagem «Miguel Strogoff», interpretando o protagonista.

—Tenciona regressar ao teatro declamado, na proxima época de inverno, a actriz Maria Judice da Costa, mãi de Brunilde Judice e que foi uma das nossas mais ilustres cantoras liricas.

—Da produção teatral que a parceria Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Sant'Ana e Xavier de Magalhães, apresentará este inverno, faz tambem parte uma opereta popular e uma revista intitulada «Perna de Pau», destinada a um dos nossos teatros populares.

—A varios cenografos, associados, foram já entregues os cenarios com que vai ser enquadrada a revista «Olha o Balão!», em ensaios para ser estreada, no Avenida, no dia 30 do corrente, um dos quais com «maquette» do artista-pintor e escritor, co-autor da peça, Fernando Santos.

—O Terraço do Capitolio é o unico cinema ao ar livre de Lisboa, que tem camarotes e oferece as maiores comodidades ao publico.

PROGRAMAS DE HOJE

CAPITOLIO — O Rei da Selva — Sem familia — Bilhetes a 1$60

PAVILHÃO PORTUGUES — Catarina da Russia — Meio milhão e uma noiva — Bilhetes a 1$60

JARDIM CINEMA — Domingo: A chamada de socorro — Milionaria por um dia — as 21 e 15

TEATRO NACIONAL — Telefone 2 0379
HOJE — A's 22 horas — HOJE
Nascimento Fernandes
na comedia cheia de graça, que faz rir, a bom rir, os mais sizudos
O PAI DA MENINA
Formidavel conjunto de artistas

AVENIDA — HOJE A's 8,50 e 10,50 h.
estreia do grande bailarino
FRANCIS e da sua «Partenaire»
RUTH WALDEN
em A Loja do Povo
em que continua em pleno exito a cantatriz
MARIA ALICE
Preços populares

POLITEAMA
A peça consagrada
AS DUAS GAROTAS DE PARIS

LISBOA ANTIGA — Entrada 1$50
Musica — Dansas — Atracções
5.ª feira — Dia da Moda — Esc. 2$50
6.ª feira — Dia Popular — Esc. 1$00

BOLSA DE LISBOA

16 de agosto

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934	1.145$00	1.145$00	1.146$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.083$00	1.082$00	1.084$00
» 4 1/2 0/0 1933	1.014$00	1.014$00	1.015$00
» 4 0/0 1934	945$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Sér. s/p	1.555$00	1.553$00	1.557$00
» 3 0/0 2.ª »	—	—	—
» 3 0/0 3.ª »	1.565$00	1.565$00	1.568$00
Emp. 4 1/2 0/0 1912	—	2.190$00	2.200$00
» 6 1/2 0/0 1930-Cons	519$00	515$50	—
» 6 3/4 0/0 1930-Porto	510$50	510$5	511$00
6 0/0 1932	—	1.011$00	1.015$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	—	461$00
Lisboa & Açores, port.	—	—	—
Portugal, portador	—	1.072$00	1.078$00
Espirito Santo	—	—	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	065$00
Fidelidade	—	15.500$00	16.300$00
Mundial	—	230$00	232$00
Nacional	—	700$00	720$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	700$00	1.000$00
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	76$00	80$00
» » privilegiadas	—	28$00	29$00
Aguas de Lisboa, port.	—	285$00	300$00
Cerveja Estrela	—	251$00	254$00
Cimentos de Leiria	625$00	625$00	—
Credito Predial	26$50	26$50	26$00
Gaz e Electricidade	359$50	359$00	360$00
Navegação	82$00	82$00	82$20
Portugal e Colonias	81$80	81$80	82$00
Portuguesa de Pesca	232$00	232$00	2.4$00
» de Tabacos	396$50	396$50	398$00
Tabacos de Portugal	345$00	344$00	345$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	250$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola	505$00	505$00	505$00
Busi — 1.ª Emissão	—	31$00	33$00
» — 2.ª	—	—	—
Ilha do Principe	—	157$00	158$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	446$00	445$00	—
Prediais 6 0/0 — 1932 1.ª s.	—	—	90$00
» 7 0/0	120$00	115$00	120$00
União Elect. Port. 7 1/2	134$00	133$00	135$00
Busi 9 0/0	—	113$00	115$00
» 6 1/2 0/0	106$00	105$50	106$50

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$20
Paris	1$46,7	1$46,9
Madrid	3$03,9	3$04,5
New-York	22$10,2	22$14,2
Zurich	7$23,8	7$25,1
Roma	1$82,3	1$82,6
Bruxelas	3$73,5	3$74,2
Amsterdão	14$99,1	15$01,8
Berlim	8$92,8	8$94,4
Praga	$92	$92,2
Rio de Janeiro	1$17,4	1$17,6
Libra ouro, 65 %	181$50	—

As "matinées" e "soirées" no Casino Estoril

Amanhã, sabado, no Casino, pelas 15 e 30, «matinée» de cultura estetica e artistica da mulher, com cinema, desfile de modelos de pijamas e fatos de banho, concursos entre senhoras, numeros de baile, distribuição de brindes, chá e baile. A' noite, no Casino, pelas 21 e 30, sessão cinematografica com a «Ninfa Constante», com Brian Aherne e Vitoria Hopper.

No domingo, no Casino, pelas 15 horas, ha «matinée» infantil com desenhos, concursos, premios, surpresas, o filme infantil «Alice no país das fadas» e palavras de abertura por Tom. A' noite, no Casino, pelas 21 e 30, sessão de cinema, com «Recordar é viver», com Fay Compton. Lester Mattheus, etc.

— HOJE —
grande NOITE DA MODA
no LUNA PARQUE
Uma parada de beleza e elegancia que marcara uma das mais notaveis da temporada lisboeta
BRINDES A'S SENHORAS
No programa: LUZY AND GENY

I. F. 2 (Parque Eduardo VII) Entrada 1$50
Telef. 40095 — A's 21,30
Noite de Réveillon, com Henry Garat.
No lago: Hoje, a noite. Sensacional divertimento. Inauguração da caça aos patos. Cada vencedor ficara com o pato que conseguir apanhar. — Amanhã: Esta fé de moderna, com J. Crawford. — No dia 24: A Festa do Seculo XX. — Ceia á americana — Orquestra Jazz — Variedades — Baile toda a noite. — Entrada, 20$00 — Ceia, 30$00 — Entrada com direito á ceia e marcação de mesa, 40$00. — Traje de *soirée*. — Marcam-se bilhetes.

UM ESTIMULO PARA OS AMADORES

Grande Concurso Fotografico

Um grande e notavel concurso fotografico acaba de ser organizado por Afari, L.da, distribuidora exclusiva para Portugal das afamadas peliculas «Eisenberger», com o intuito de provar a indiscutivel supremacia das referidas peliculas, fornecidas gratuitamente a todos os amadores que se apresentaram com as suas maquinas no seu estabelecimento da rua Augusta, 110 a 113 e S. Nicolau, 56 e 58. Como premio ofereceu aos dez primeiros classificados, respectivamente: um aparelho «Leica» cromado, com estojo; idem «Welta, 6X9, com telemetro; idem «Woran», 6X9; idem «Welta», 3X4; idem «Nettar», 6X9; idem «Brilhante», 6X6; dez rolos «Eisenberger»; um disparador automatico; um album 24X30; e cinco rolos «Eisenberger», 6X9, e além de tão magnificos premios, mais vinte tambem apreciaveis, conseguindo assim provocar um interesse que se traduziu na aparição de trezentos trabalhos, todos em pelicula «Eisenberger».

Para apreciar os trabalhos apresentados reuniu ontem, durante algumas laboriosas horas, o juri composto pelo consagrado pintor mestre Adriano de Sousa Lopes, ilustre director do Museu de Arte Contemporanea; pelo categorizado fotografo-amador sr. comandante Antonio José Martins e pelo nosso colega na Imprensa Rogerio Perez.

Após aturado estudo foram atribuidos os dez primeiros premios aos trabalhos com os n.os 33, 215, 292, 149, 118, 48, 239, 35, 175 e 30, os quais resultaram ser, respectivamente, dos srs. Fernando da Ponte e Sousa, Roque Manuel de Arriaga, «señorita» Oliveira Cesar, conde do Cartaxo, Francisco Viana, José Manuel Rodrigues, Joaquim Moreno, tenente Caio, Fernando Rosa Oliveira e Manuel Rebelo de Andrade. Foram ainda classificados trabalhos que se apurou serem dos srs. Gustavo de Almeida, Alvaro Pais Ramos, Manuel Gonçalves e Mario Maldonado.

O 1.º, 2.º, 3.º, 7.º, 8.º e 10.º classificados foram de fotografias feitas com o acreditado aparelho «Leica» f. 2 e f. 3,5, de fama mundial e, em vista do exito, e da necessidade de classificar outros trabalhos notaveis, foram concedidos mais dez premios.

Pelos membros do juri foi muito felicitado o director-tecnico de «Afari, L.da», sr. Castellano, que cuidou da revelação dos trabalhos, retratos e interiores, cenas rurais e costumes, paisagens e contra-luz, ruas, monumentos e ceu e mar.

Brevemente será anunciado o local onde serão expostos todos os trabalhos apresentados a concurso.

A banda da G. N. R.

vai dar concertos a Extremoz

Superiormente autorizada, desloca-se a Estremoz por ocasião das grandes festas á Exaltação da Santa Cruz, a banda da Guarda Nacional Republicana, que ali vai dar três concertos nos dias 2 e 3 de setembro, sob a regencia do seu novo maestro-director, Alves Ribeiro.

Em Estremoz e nas terras circunvizinhas aguarda-se com o maior interesse a realização desses concertos.

FESTAS EM ARMAÇÃO DE PERA

ARMAÇÃO DE PERA, 15. — Por iniciativa do Club de Foot-ball «Os Armacenses», vão realizar-se aqui, nos dias 18 e 19, grandes festas que constam de cavalhadas, quermesse, rifa dum beijo, corridas varias e baile.

Estas festas devem dar grande animação a esta praia, onde se encontram numerosos banhistas.

Lançamento á agua do contra-torpedeiro «DOURO»

A fim de assistir do mar ao lançamento á agua deste contra-torpedeiro, a Parceria efectua amanhã um passeio no seu navio-motor "RIO TEJO„ o qual, a seguir ao lançamento, seguirá até S. Julião da Barra. O embarque faz-se no CAES DO SODRÉ ás 17 horas.

Preço de cada bilhete Esc 7$50

A bordo haverá musica e bufete.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Candida da Costa Pereira Peixoto, D. Maria de Lourdes Amaral, D. Lucilia Ribeiro de Almeida, D. Ana Fragoso de Melo, D. Constança Maria Torres de Noronha e Cruz Nunes, e a menina Maria Luiza de Matos Fernandes de Vasconcelos e Sá.

MERCES HONORIFICAS

O sr. dr. Julio Brandão Pais, consul de 1.ª classe, em serviço no Ministerio dos Estrangeiros, acaba de ser agraciado respectivamente pelos Governos do Brasil e de Espanha, com o grau de oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul e da Ordem da Republica.

CASAMENTOS

Com grande intimidade, realizou-se o casamento da sr.ª D. Lucia Estela Laborde Aldim, filha do dr. Frederico Jaime Aldim e de D. Virginia Alda Duhan Laborde Aldim, já falecida, com o sr. Manuel Vaz Ferreira, 2.º oficial da Secretaria Geral da Camara Municipal de Lisboa.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Deodato Virgilio Grás Reina Catavira, funcionario da Companhia Carris de Ferro de Lisboa e sua esposa sr.ª D. Maria Fernanda das Neves Catavira, e por parte do noivo, sua irmã sr.ª D. Carmen Vaz Ferreira de Andrade do Vale e seu tio sr. Mario Lopes de Andrade, funcionario aposentado dos Correios e Telegrafos.

Assistiram ao acto, além de grande numero de pessoas de familia dos noivos, o sr. dr. Joaquim Kopke, secretario geral do Municipio de Lisboa, funcionario da Camara Municipal, representante da Federação das Sociedades de Recreio e elementos do Meio Recreativo, antigos alunos da Escola Profissional D. Maria Pia e numerosos amigos.

Aos noivos foram oferecidas valiosas e uteis prendas que constituiram uma interessante «corbeille».

—No Porto, foi pedida em casamento pelo sr Manuel Joaquim de Oliveira, para seu filho Fernando a sr.ª D. Maria Emilia Homem de Almeida Calheiros, gentil filha da sr.ª D. Helena Homem de Almeida Caleiros do sr. Miguel de Sande Mexia Caleiros Vieira da Mota, devendo a cerimonia realizar-se brevemente.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso, em Coimbra, a sr.ª D. Julia Maria Aires de Campos de Barros Barata Tovar, esposa do sr. Diogo Barata Tovar. Mãi e filho estão felizmente bem.

NA CURIA

Amanhã e depois realiza-se na Curia, o fim de semana 1900, havendo respectivamente no Palace Hotel e na Piscina-Praia «Paraiso» duas interessantes festas. A primeira constará de baile na noite de sabado, no salão de festas do Palace Hotel, durante o qual os distintos artistas Luiza Durão e Costinha, cantarão varias cançonetas em voga na época e um grupo de gentis «girls» dansarão um «can-can», e no segundo dia de tarde, haverá na Piscina-Praia «Paraiso» passagem de modelos de fatos de banho da época, fazendo o nosso colega na Imprensa e brilhante revisteiro Lino Ferreira uma palestra humoristica.

Estamos certos que amanhã e depois será a Curia, elegantemente concorrida.

NA COSTA DO SOL

Tarde de elegancia

Realizou-se ontem no salão de festas do Casino Estoril, a anunciada segunda «tarde de elegancia», que devido ao evtraordinario calor que fez, e tambem a não ter sido cumprido o programa da primeira, a concorrencia fraquejou um pouco.

Nesta segunda tarde de elegancia, o programa foi cumprido á risca, tendo os numeros de canto da distinta artista Fernando Coutinho, bem como os numeros de dansa do gracioso grupo «Ballet Fairies» que fazia a sua estreia em Portugal deixado a melhor impressão do auditorio, que era composto especialmente de familias espanholas.

Amanhã haverá a terceira tarde de elegancia, cujo programa é verdadeiramente encantador.

EM VIAGEM

Com sua esposa, a sr.ª D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, encontra-se em Castelo de Vide, em goso de ferias, o distinto especialista de doenças de estomago e intestino sr. dr. Armando de Bastos.

—Em Carcavelos, encontra-se já passando o verão, com sua esposa, e filhos, o sr. dr. Antonio Leite de Faria.

—Encontra-se na Ericeira, com suas filhas a sr.ª D. Maria Francisca Saldanha de Carvalho.

—Partiu para Monte Carlo, donde seguirá para Nice, com sua esposa, e filho, o sr. José Fletcher Moreira Rato.

—Acompanhada de seu filho, está em Carcavelos, a sr.ª D. Margarida Correia de Barros.

—Para a sua casa em Almeirim, partiram as sr.as D. Maria Luiza e D. Maria Izabel Tavares.

DOENTES

Da Maternidade A. Bensaude aonde deu á luz uma criança do sexo masculino, teve alta a senhora D. Helena Rolin Geraldes Barba.

Foi seu medico assistente o senhor dr. Joaquim Fontes.

Sabonête Dourado
A VENDA EM TODA A PARTE

PUBLICAÇÕES

«Defesa Nacional»

Acaba de sair o 15.º numero da revista «Defesa Nacional», que contem colaboração valiosa entre a qual figuram as palavras do sr. dr. José Pereira Salgado, reitor da Universidade do Porto, e os artigos do dr. Augusto Frazão Etur e do aspirante Virgilio Matos.

«O Papagaio»

Encontra-se publicado o n.º 18 da revista infantil «O Papagaio», que insere variada e interessante colaboração.

Neste numero aparece a primeira folha do jogo «A Volta a Portugal em bicicleta», destinado por certo a um grande exito entre a petizada.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 22—«O Pai da Menina».
Politeama—A's 21 e 30—«As Duas Garotas de Paris».
Avenida—A's 20 e 50 e ás 22 e 50—«A Loja do Povo».
Luna Parque—Desde as 20 horas—Diversões internacionais.

CINEMAS

Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.
Capitolio—A's 21.
F. F. 2—Parque Eduardo VII.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Pavilhão Português, ás 21.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Belem-Jardim—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

Na Rua da Palma

encontram os nossos leitores

Ouro, prata, Joias, relogios, etc.

aos mais acessiveis preços nas acreditadas ourivesarias: Barateiro Pimenta, n.º 2; Varela & Pereira, 6-12; Peixoto e Jardim, 14-16; Oliveira & Jacome, Limitada, 22; Vieira & Filho, 13; Augusto D. Santos, 18; R. Santos, 32-34; Joalharia Macedo, 54; J. M. & Pedro Fraga, 82, e S. Carvalho Mourão, 92.

Atenção: — Estas firmas são as recomendadas em face das grandes reduções de preços e honestidade das suas transacções.

Visitem as ourivesarias da Rua da Palma se querem comprar bom e barato

Preso que enlouquece

Ha cêrca duma semana foi preso um individuo que agrediu a mulher com quem vivia, com tal brutalidade que ela teve de receber curativo no hospital de S. José, onde ainda anda em tratamento. O agressor chegou a ter a mulher fechada em casa durante três dias. A desgraçada conseguiu alimentar-se durante esse tempo devido a generosidade de algumas vizinhas que lhe enviavam alguma cousa de comer numa cesta, que era içada da rua por meio duma corda.

O preso foi metido nos calabouços do Torel com outros que ali se encontram por varios delitos e ha quatro dias, sem qualquer motivo que o justificasse, começou a agredir os seus colegas de prisão. A Policia para evitar mais graves consequencias meteu o agressor numa cela, onde ele tem praticado varios distarbios fazendo grande alarido.

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 15—Encontra-se nesta cidade a companhia de Ilda Stichini, que deu hoje uma recita no teatro da Associação Naval 1.º de Maio, com a peça «Meu amor é traiçoeiro», que amanhã repete no teatro do grupo «Caras Direitas» de Buarcos.

—Ainda pouco conhecidas da Policia, mas já profissionais na arte de furtar carteiras, foram presos nesta cidade 7 gatunos portuenses a quem foram encontradas algumas carteiras roubadas.

Os presos vão ser enviados a juizo.

—Segundo parece, estiveram tambem aqui recentemente alguns gatunos internacionais aos quais não foi contudo possivel deitar a mão.

Campanha do Sul de Angola

Convidam-se os «chauffeurs», serralheiros e torneiros, a inscreverem-se para o almôço de confraternização que se realiza no dia 18 de agosto, aniversario do combate da Mongua.

A inscrição está aberta na tabacaria da Abadia, até ao dia 15.

BOAS CÊPAS FAZEM BOM VINHO!

Que boas cêpas as Ramisco!

Sob a triplice influência do areia sêca, do ar salino e da luz ardente, produzem cachos magnificos dos quais só os bagos mais perfeitos são aproveitados para o lagar.

Que cêpas marivilhosas! E que vinho prodigioso é o

VINHO DE COLARES

HAVAS

Assinaturas de Vilegiaturas

Diario de Lisbôa

Para facilitarmos a aquisição do nosso jornal para as pessoas que vão residir para as praias, termas ou campo, abrem-se, desde já, na administração do «Diario de Lisboa», assinaturas por 10, 20 e 30 dias, mediante o pagamento ou a remessa da respectiva quantia.

10 dias.....	3$00
20 dias.....	6$00
30 dias.....	9$00

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TAUROMAQUIA

O famoso toureiro Juan Belmonte

recorda a sua estreia na praça de Elvas

Juan Belmonte, o famoso competidor de «Joselito», está publicando as suas memorias na revista «Estampa» e narra assim a aventura do seu primeiro contrato, que foi em Elvas, em cuja praça agora se projecta inaugurar uma lapide comemorativa do acontecimento:

«Por fim, apareceu-me um contrato.—diz Belmonte, depois de ter contado tudo o que sofreu até então.—Andava por Sevilha um desses aventureiros que se dão ares de apoderados de toureiros, sem mais requisitos que papel timbrado com tal qualidade. Este individuo escrevia cartas-circulares aos empresarios das praças pequenas, oferecendo e elogiando «cuadrillas» que não existiam e famosos «espadas» que ninguem conhecia. Tinha este sujeito conseguido, com uma das tais cartas-circulares, que um empresario português de Elvas, contratasse duas «cuadrillas» de «niños» sevilhanos, ou melhor, uma de Sevilha e outra de Triana.

«O apoderado tinha dado já os nomes dos «diestros», tinham-se impresso cartazes, e os habitantes de Elvas esperavam as façanhas dos lidadores. Mas, á ultima hora, o chefe da «cuadrilla» trianeira, que era um rapaz chamado Valdivieso—depois moço de estoques de Antonio Cañero—negou-se rotundamente a ir a Elvas. Ante tal situação, começou o apoderado procurando um substituto e, ouvindo dizer que em Triana havia um rapazinho que toureava com bom estilo, procurou-me e propôs-me o negocio, chamemos-lhe assim, que consistia em tourear eu em Elvas, pagando ele o aluguer do fato, e não tendo eu direito a ganhar coisa alguma, apesar de ter a obrigação de pagar do meu bolso um bandarilheiro, e sem que eu figurasse com o meu nome porque os cartazes já estavam impressos, isto é, sem gloria nem proveito para mim.

«Apesar de tudo a oferta pareceu-me tentadora, e aceitei-a. Consegui que me alugassem um fato de tourear com a promessa de pagar o aluguer a prestações, e entre os meus amigos escolhi o que havia de ser meu bandarilheiro. Antes de partir para Elvas tive a vaidade de me retratar com o fato de tourear. Comigo quizeram tambem retratar-se, vestidos, varios dos meus amigos e, postos de acôrdo com um fotografo ambulante, estivemo-nos vestindo e despindo todo o tempo necessario para o fato chegar para todos. O caso causou a diversão do bairro, e meu pai, que naquele dia estava de bom humor, metia-se connosco cada vez que passavamos vestidos de toureiro. Apoiado ao humbral da porta, meu pai, fumando o seu cigarro, troçava das nossas figuras.

—Ai vai «Guerrita»! Olé, «Lagartijo» dizia, com grande gaudio das senhoras vizinhas.

* * *

Chegou o momento da partida para Portugal, e o meu bandarilheiro, desolado, veio dizer-me que não encontrava quem lhe alugasse um fato de tourear. Um velho toureiro que vivia na Cava tirou-nos de apuros, dizendo:

—Tenho guardado um fato velho, dos meus bons tempos; está muito estragado, mas pode servir para uma falta.

O meu bandarilheiro viu o ceu aberto, agarrou no fato sem mesmo o olhar, metemo-lo na maleta e fomos para a estação cheios de ilusões.

Chegar a Elvas foi dificilimo. O nosso apoderado, que vinha connosco, atribuindo-se o cargo de director de lide, não tinha dinheiro senão para pagar os bilhetes do combóio até Badajoz, faltou-lhe até o dinheiro para o bilhete dum dos bandarilheiros, o qual escondemos debaixo do banco, mas que foi descoberto pelo revisor, e tivemos todos que despejar as algibeiras até ficarmos sem um centimo, isto para evitar que o nosso companheiro, fosse preso. Eu consegui salvar uma peseta que escondi numa bota.

Ficámos entalados em Badajoz, e o empresario teve a lembrança de telegrafar ao empresario de Elvas dizendo-lhe que seria conveniente que mandasse um trem para nos levar pois assim seria de grande efeito a entrada das «cuadrillas» na cidade.

Elvas está a um passo da fronteira, mas, apesar de nos terem respondido que iam mandar o trem, este não chegava. Chegou a hora de almoçar, e não tinhamos de comer. As famosas «cuadrillas» de «niños» sevilhanos e trianeiros bocejavam esfomeados junto ás muralhas de Badajoz.

Belmonte estreia-se em Elvas toureando um embolado com toda a alma e fazendo tudo o que sabia

Então, fiz um sinal discreto ao meu bandarilheiro, afastamo-nos disfarçadamente do grupo e, com a peseta que tinha escondida na bota, comprámos pão e chouriço que, com muito misterio, estivemos comendo. Ao incorporarmo-nos depois ao grupo notaram, não sei porquê, que haviamos comido e com essa agudeza e esse olfacto raro que dá a fome, advinharam até que tinhamos comido chouriço. Consideraram o caso como uma traição e censuraram-nos furiosamente.

Ali começou a rivalidade entre as duas «cuadrillas», a de Triana, que tinha comido chouriço ,e a de Sevilha, que não o tinha comido. Dois estilos frente a frente!

Já estavamos desesperados, quando apareceu o trem de Elvas. O emissario que nos vinha buscar disse que já andava ha varias horas procurando-nos por Badajoz, mas que esperava encontrar-nos vestidos de toureiros e, apesar de ter passado duas ou três veezs por nós, não tinha imaginado que os pobres diabos que bocejavam com fome nos bancos do passeio, fossem os galhardos lidadores espanhois.

Em Elvas levaram-nos directamente á hospedaria e introduziram-nos numa grande casa de jantar, ante uma mesa prometedoramente preparada para um banquete, e foram, pelo empresario, dadas as boas vindas. Muito cerimonioso e eloquente, o empresario desejou-nos a todos grandes triunfos e cantou as glorias da tauromaquia espanhola num fogoso discurso que nunca mais acabava. Enquanto falava os bravos lidadores aproximavm-se disfarçadamente da mesa do festim e apoderavam-se dos päizinhos que mastigavam num apice, enquanto agradeciam com cortezes inclinações de cabeça a tudo que o eloquente empresario ia dizendo. Quando terminaram as apresentações e o discurso, e os criados trouxeram a sopa, é que o dono da hospedaria percebeu, com grande alarme, que não restava um unico päozinho na mesa. Comemos como feras. Má impressão devíamos ter causado. E o dono da hospedaria, como medida de segurança, trasladou-nos a um casarão afastado da casa de jantar, e onde foram armadas camas para todos os toureiros, passando a comida a ir para lá por conta, peso e medida.

* * *

Quando o meu bandarilheiro tirou da maleta o fato que lhe tinham emprestado caiu-lhe a alma aos pés. Não podia aparecer na praça com aqueles trapos. Era um fato negro de negros tempos, com a seda suja e descolorida e já quasi sem bordados. Na jaqueta tinha bocados em que não só faltava o bordado mas até o pano, e os chumaços das hombreiras apareciam tristemente descaidos.

—Assim não podes aparecer toureando—disse eu—pareces um esfregão.

—Pois tu não estás melhor—respondeu-me irritado.

Olhei-me. Eu estava, talvez, um pouco melhor que ele, mas tambem estava inapresentavel. Nada se me ajustava ao corpo, nem o fato nem mesmo os sapatos. O meu bandarilheiro era um rapaz fraquinho e mirrado! eu tambem não tinha grande tipo de toureiro. Com a nossa falta de garbo e os nossos fatos velhos faziamos os trianeiros um triste papel ao lado dos sevilhanos, elegantes e bem vestidos. Remendamos um pouco o fato do meu bandarilheiro, pedimos tinta de escrever, e com ela pintámos os chumaços das hombreiras e as manchas, até que ficassem aparentemente pretas, como o fato. O pior foi quando, já na praça, o suor começou a destingir o meu pobre bandarilheiro.

Assim que aparecemos, o publico estabeleceu subtilmente a diferença que existia entre as duas «cuadrillas»: a dos sevilhanos e a dos trianeiros. Os sevilhanos eram os dos fatos bonitos, e os trianeiros os dos fatos velhos. Dois estilos frente a frente!

Valdivieso, intitulado Montes II—isto é, eu, que o substituia—estava anunciado para executar uma sorte que diverte muito os portugueses. Tinha que pôr bandarilhas «á gaiola». O compromisso era serio porque nas touradas portuguesas se anuncia nos cartazes aquilo que os toureiros hão de fazer. Eu não sabia o que era isso de pôr bandarilhas «á gaiola», mas o nosso apoderado, que se intitulava director de lide, para se intitular alguma coisa e apanhar dinheiro aos portugueses, deu-me instruções

Antes que se abrisse a porta do curro, colocou-me no centro do redondel com as bandarilhas na mão. Eu não estava muito convencido e, como o toiro demorava a saír, fui-me afastando um pouco até ficar no «tercio» e a «sesgo», que era onde eu tinha alguma esperança de poder pôr bandarilhas.

Mas, o publico, ao dar pela minha prudente manobra, promoveu um escandalo espantoso.

Fechou-se a porta do curro até que eu voltasse a colocar-me como mandam as regras, e o director de lide voltou a situar-me no centro do redondel. E eu voltei a aproximar-me da trincheira. E a gritaria voltou a ser terrivel. E acabei fazendo triste figura, porque puz as bandarilhas, não «á gaiola», como queriam os portugueses, mas como eu sabia e podia.

Depois, tudo mudou. Os novilhos estavam embolados e um deles deu com uma bola num olho do chefe da «cuadrilla» sevilhana, obrigando-o a retirar-se para a enfermaria. Como o director de lide não dirigia nem lidava, encontrei-me feito chefe da praça.

Prescindi dos gostos portugueses, esqueci-me até do triste aspecto que devia oferecer o meu fato e, como o gado era bravo, puz-me a tourear com toda a alma, fazendo quanto sabia. O publico entusiasmou-se e aplaudiu-me muito. Tinha triunfado a «cuadrilla» dos fatos velhos, que era como os portugueses nos chamavam.

Pela redacção, Manuel Chaves Novales; pela traducção,

Voltei a Sevilha com um grande cartaz entre nós, mas sem um centimo. A unica coisa que aproveitei daquela corrida, na qual pela primeira vez vestia o fato de tourear, foi a recordação daqueles päizinhos, tão bons, que havia na hospedaria de Elvas, e uma complicação eterna com o alugador do fato que todas as semanas ia reclamar-me as duas pesetas da prestação.

EL TERRIBLE PEREZ

LIVROS NOVOS

O livro do dr. Martinho Nobre de Melo "Rumo do Brasil"

apreciado pela escritora Lucia Miguel Pereira

Lucia Miguel Pereira é a maior romancista brasileira da actualidade. Já a cognominaram a «Maria Amalia Vaz de Carvalho brasileira».

Espirito elevado, alheio a todas as influencias pessoais, bem conhecido pelo seu desassombro, as criticas de Lucia Miguel Pereira são altamente cotadas e temidas nos circulos intelectuais.

O facto de «A Gazeta de Noticias» em que colaboraram os maiores escritores brasileiros e portugueses, entre os quais, como é bem sabido, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, a ter escolhido, agora que recomeça a sua publicação, para sua critica literaria, denota a alta categoria da ilustre romancista e ensaista do país irmão.

Lucia Miguel Pereira publicou recentemente naquele jornal um artigo acêrca do livro do dr. Martinho Nobre de Melo, «Rumo do Brasil», que pedimos vénia para transcrever.

A eloquencia não é positivamente a arte preferida do seculo XX. Ao contrario. Com o nosso culto da simplicidade e da sinceridade, o nosso horror aos «morceaux de bravoure», o nosso desprezo pelo derramamento verbal, pelo ornato, pela frase retumbante, chegámos ao extremo de desconfiar tambem de todos os espiritos brilhantes — os unicos dotados para a oratoria. Ora, brilho nem sempre é sinonimo de superficialidade. Mas partindo do preconceito de que o é, não constituimos em absoluto uma boa plateia. Diante de todos e qualquer orador, mantemos sempre uma atitude de reserva suspicaz, procuramos sempre nos defender do entusiasmo facil comunicado pelo gesto, pela voz, pela acção de presença. E se, um momento, nos deixamos seduzir, logo de pronto nos acautelamos contra a emoção. E é em casa, á leitura raciocinada e serena da peça oratoria que aquilatamos do seu valor. A nossa pedra de toque para aferir a qualidade de um discurso é vêr se ele resiste á leitura. Nisso mostramos bem como somos refractarios á verdadeira eloquencia, que é, afinal, a forma sensorial de transmitir a idéa pelo prazer dos olhos e dos ouvidos.

O sr. Martinho Nobre de Melo é um orador segundo o conceito moderno — os seus discursos podem e devem ser lidos. Ha neles muito pensamento, são muito ricos, muito recheados de idéas para poderem ser inteiramente apreciados á simples audição. Não são em regra discursos de diplomata, obrigado pelas circunstancias a tomar a palavra para vestir com maior ou menor elegancia os sentimentos convencionais de cordialidade e cortezia. São discursos de um escritor de raça, e sobretudo de um homem que reflecte e tem alguma coisa a dizer. Aliás, o embaixador lusitano não é um diplomata de carreira; politico e jornalista, companheiro de Oliveira Salazar, faz parte desse punhado de moços energicos que vão transformando e rejuvenescendo o velho Portugal.

Entre nós, não se limitou a representar o seu país, não viu o Brasil apenas em função dos interesses da colonia portuguesa. E com isso mostrou ser um diplomata moderno, como é um orador moderno. Com efeito, com as comunicações cada vez mais faceis, a importancia do diploma ficará muito deminuida se a sua acção se restringir aos convenios oficiais e aos tratados de comercio. O radio o poderá substituir com vantagem, conversando os governos directamente. A sua função se modificou, tem hoje sobretudo o fim de trazer esse conhecimento, essa simpatia entre povos, que só desabrocham ao calor do convivio humano.

O sr. Martinho Nobre de Melo não foi tão pouco um turista, não veio para cá procurar o exotismo, o pitoresco da natureza ou dos costumes. Ao contrario, o que buscou aqui foi o *homem*, foi a alma da nacionalidade; além do regional, que diferencia, soube vêr o humano, que une, e torna a fraternidade independente da latitude.

No seu discurso na Academia Brasileira de Letras, discurso que bem merece o seu titulo de *compreensão*, pois é uma das paginas mais penetrantes que um estrangeiro já escreveu sobre nós, ele mesmo explica a sua atitude.

«Animal essencialmente politico, no nobre sentido aristotelico da expressão, tenho uma insaciavel necessidade de contacto e de relação, de comercio espiritual permanente».

Essa necessidade de comercio espiritual levou-o a se integrar profundamente na nossa historia, nas nossas letras, na nossa vida. Nada do que se fez ou se pensou no Brasil lhe é estranho. Os seus primeiros discursos, apenas aqui chegado, revelam um profundo conhecimento, não só do nosso passado historico — que por três seculos se confundiu com o da sua patria — mas das nossas condições actuais, da nossa gente, dos nossos problemas. Leu tudo, tudo sentiu, tudo compreendeu.

Quando, em *Ritmo Novo*, reivindica para Portugal a legitima gloria de ter construido a unidade brasileira, baseando-a, não na raça, mas no espirito e na fé, não o faz no intuito de tecer um elogio aos seus maiores. O que quere é mostrar á nossa descrença, ao nosso desanimo, a força mais viva, mais fecunda da nossa nacionalidade. A civilização aqui entrada com as naus encimadas pela Cruz foi «um conjunto organico de idéas, de sentimentos, de regras morais e civis». Esse conjunto, queira-o ou não o queira o nosso jacobismo que de vez em quando explode, imenso beneficio trazidos por Portugal á sua colonia. Quaisquer que tenham sido os erros da colonização portuguesa — e os houve, e grandes — bastaria, para os redimir, essa coesão moral que nos imprimiu. O Brasil não terá saído, rigorosamente, um país catolico, mas saíu um país onde as forças morais contam. E isso já é muito.

Acentua ainda o sr. Martinho Nobre de Melo outras qualidades preciosas de sua gente, qualidades que nos foram utilissimas: a sua notavel faculdade de assimilação, a sua ausencia de preconceitos raciais.

Marcando assim a contribuição portuguesa na formação do Brasil, não teve o ilustre embaixador o mais leve intuito de negar as diferenças que separam os dois paises, de fazer do Brasil um Portugal dos tropicos. Muito pelo contrario, sentindo o que temos de comum, não podia deixar de sentir tambem o que temos de especificamente nosso — as modificações sofridas pela raça no seu novo «habitat» sob a influencia de cruzamentos diversos. Com o optimismo sadio que lhe dá o ressurgimento de sua terra e a simpatia com que encara os nossos problemas etnicos e eticos apoia-se na nossa ascendencia lusitana para tirar dela uma conclusão auspiciosa para nós. Tendo ambos a mesma formação moral, o jovem Brasil não pode fracassar quando de novo se eleva o velho Portugal.

Mas não parte sempre de Portugal para nos entender. Em *Compreensão* ha paginas que fazem dele um dos melhores criticos da nossa historia intelectual. A comparação entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis revela um profundo entendimento de ambos e da mentalidade brasileira — onde o meio americano não logrou destruir a prêga ancestral da latinidade, mas se enxertou nela, modificando talvez mais a sensibilidade do que propriamente o espirito. Explica Machado, não com a imagem já sediça de uma flôr preciosa nascendo por acaso num campo bravio, mas como «a prova palpavel de que a cultura do povo brasileiro, longe de ser uma improvisação, vem de raizes longinquas, através de fios invisiveis para a massa, mas que a critica historica surpreende e desvenda».

Se substituirmos, na frase acima, povo por *élite* — porque, cultura do povo, não a temos, nunca a tivemos — encontraremos nela a chave do enigma machadiano. Mestiço, filho de uma raça nova, Machado foi assim, contudo, pela herança moral e intelectual, o fruto de uma velha civilização que lhe poliu a sensibilidade, que lhe patinou a inteligencia. Ponto de vista interessante, e novo. E foi necessario que um estrangeiro no-lo indicasse... Paradoxal no momento historico em que viveu, no convencionalismo da literatura do seu tempo, a figura do autor do Memorial de Ayres se faz harmoniosa, natural, enquadrada na raça de que descende pela mais nobre das linhagens — a do espirito.

E' tambem cheia de significação a antitese estabelecida pelo sr. Martinho Nobre de Melo entre o padre Antonio Vieira, o português educado no Brasil, aqui iniciando a sua carreira, aqui tendo sentido o seu celebre estalo da cabeça, que entretanto foi o mais classico dos portugueses classicos, e Alexandre de Gusmão, o santista que viveu em Portugal desde os quinze anos, tornou-se valido do rei e grande diplomata lusitano, sem todavia se esquecer da sua terra nem dos interesses brasileiros.

Já então, já em pleno seculo XVII, brasileiros e portugueses se diferenciavam, podiam colaborar sem se confundirem. O predominio politico de Portugal não significou, para maior honra sua e nossa, uma compressão da mentalidade brasileira.

Estudando as relações de Portugal com o Brasil o sr. Martinho Nobre de Melo revela uma solida concepção espiritualista da historia, dando aos factores morais importancia proeminente. Ao determinismo da raça e do clima opõe sempre, embora não negue a sua influencia, a acção da cultura, do patrimonio de toda a sua hecterogeneidade racial, vê em Portugal e no Brasil dois paises latinos.

Segue, aliás nisso a orientação desse lucido espirito que foi Fustel de Coulanges. E é na grande herança comum da latinidade, e não no facto de ter um sido descoberto e pelo outro, que se apoia para irmanar os dois paises.

Livro de fé e de afirmação, «Rumo do Brasil» revela no seu autor essa alma de Portugal «carregada de antiguidade e florecente de juventude» que vai operando, no velho país iberico, o esplendido ressurgimento a que estamos assistindo, prova admiravel da sua vitalidade.

O governo francês fomenta

o gosto pelos desportes aereos

PARIS, julho. — O governo francês anunciou, por intermedio do ministerio do Ar, que se concederão 3.975.000 francos em prémios ás façanhas aereas realizadas até ao fim do ano, com o fim de impulsionar os aviadores franceses a estabelecerem novos *récords* mundiais.

Os premios que se oferecem aos aviadores franceses são para três novos *récords* mundiais e dois vôos a grande distancia entre Paris e as capitais coloniais; um novo *récord* de velocidade para os aviões de terra; um novo *récord* de altura; um vôo superando o *récord* de distancia estabelecido por Paul Codos e Mourice Rossi, e vôos de Paris a Saigon, e de Paris a Tenenarive.

Os premios foram calculados pelo ministerio do Ar, de acôrdo com a velocidade e tempo empregado no vôo em questão, de modo que um aviador que supere o *récord* mundial de velocidade, por quatro quilometros por hora, terá um premio maior do que se o bater por mais dois ou três quilometros por hora.

Raymond Delmotte estabeleceu um *récord* em dezembro do ano passado, em Istres, com a velocidade de 505,848 quilometros á hora.

Para o récord de velocidade o ministerio do Ar oferece um premio maximo de setecentos mil francos.

Supõe-se que Delmotte procurará bater o seu proprio *récord*.

O premio maximo será para um vôo a 555 quilometros á hora.

Oferece-se um premio de um milhão de francos para um novo *récord* de altura minima de catorze mil e quinhentos metros e um maximo de altitude de quinze mil metros.

O *récord* de vôo a distancia em linha recta será tambem variavel.

Ha, contudo, um premio de cem mil francos para todo o vôo que superar o de nove mil e cem quilometros de Nova York a Haiak, vôo estabelecido por Codos e Rossi.

Os premios para estas provas escendem a um total de 1.125.000 francos.

O premio maximo será concedido a quem cobrir a distancia de dez mil e seissentos quilometros.

Para o vôo Paris-Saigon, o ministerio do Ar confia em que algum aviador francês ganhará o premio maximo de quinhentos mil francos, para um vôo de quarenta e oito horas, que corresponde, pouco mais ou menos, á velocidade obtida pelo vencedor da corrida Londres-Melbourne.

A recompensa para o vôo Paris-Tananarive é a mesma que para o vôo precedente e será calculada sobre uma base semelhante.—(United Press).

DESPORTES

Provas de remo

A «Fundação Nacional pela Alegria no Trabalho», patrocinando, a pedido da F. P. R., os Campeonatos Nacionais de Remo, que se realizam no proximo domingo, ao longo da muralha da Junqueira, com inicio ás 16 horas, prefixas, marcou insofismavelmente a sua superior e inteligente orientação, patrocinando uma organização de desportos do mar. E' pelo mar que o povo português procura a seu revigoramento e muito bem o compreendeu a F. N. A. T. impulsionando os desportes nauticos, porque são os mais belos, os mais sãos e os mais disciplinados.

Já se encontram em Lisboa, os clubes das regiões do Centro e do Norte, tendo alguns treinado já na pista da Junqueira, o que animou extraordinariamente a actividade dos clubes de Lisboa, que se encontravam já em regime de treino moderado, em virtude dos sucessivos adiamentos e das recentes provas da Figueira.

O programa foi enriquecido com mais uma inscrição em «seniors» duma valorosa «équipe» que nas provas da Figueira acaba de fazer uma das mais brilhantes demonstrações das «équipes» portuguesas e que é o Gimnasio Club Figueirense. E' mais um valoroso adversario, para a posse da «Taça Lisboa» e que mais e mais ainda vem tornar dificil prognosticar quem seja o feliz vencedor. Seja qual fôr ele será credor dos nossos sinceros aplausos e dos do publico em geral.

Para classificação na «Taça [illegible] Antonio Pereira», instituida pelo Sindicato Bancario e que será conferida ao agrupamento bancario que melhores resultados obtenha nas diversas modalidades em que é disputada, realiza-se conjuntamente esta prova e que será a 7.ª largada do programa geral, que vai ser profusamente distribuido

Para que o festival corresponda inteiramente aos desejos expressos pela F. N. A. T. acaba de receber-se mais uma valiosa adesão, que é a da Banda da Policia, que alternará com a distinta Banda da Marinha.

Os escoteiros tambem prestarão a sua simpatica colaboração.

Para completa elucidação tecnica do publico e de todos os detalhes do festival, foi feito convite ao colaborador da especialidade da revista «Stadium» que, pelos altos falantes instalados gentilmente ao longo da muralha, pela Companhia dos Telefones e casa Audak e ao microfone da Emissora Nacional, que fará retransmissão a todo o país, dará conhecimento detalhado do que se fôr passando. Foi aceito o convite, cuja colaboração terá inicio ás 15 e 30, ficando assim todo o país interessado na luta que se travará na Junqueira e sendo oportuno registar que é mais um serviço que se fica devendo á Emissora Nacional.

Os trofeus estão em exposição no Rossio, nas montras da Loja das Meias.

Club Sportivo de Pedrouços

Na séde do Club Sportivo de Pedrouços, realiza-se no dia 17 do corrente, pelas 22 horas, uma sessão solene para distribuição dos premios aos vencedores das provas organizadas na epoca de 1934.

Finda a sessão solene realizar-se-á um baile até de manhã.

Escola de Vela do Club Nautico

O «Mariline» a convite da Federação Portuguesa de Vela, tomará parte na Grande Parada Nautica que no domingo se realizará ao longo da muralha da Junqueira, por ocasião do Campeonato Nacional de Remo, patrocinados pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho. Os alunos de escola de vela do Club Nautico de Portugal devem embarcar no «Mariline», em Pedrouços, ás 11 horas e 30.

A igreja de N. S. da Azinheira

está prestes a desabar

CHAVES, 15. — A igreja de N. S. da Azinheira, em Outeiro Seco, a quatro quilometros de Chaves, corre perigo de uma derrocada.

O telhado não resguarda da chuva as paredes, pelo que estas abrem fendas. O alpendre está a desabar.

A respectiva Junta de Freguesia não dispõe de recursos para remediar tão lamentavel estado de coisas.

A quem superintende nos «Monumentos Nacionais» rogamos lance um olhar de Misericordia sobre o mais interessante monumento romanico do extremo norte do país, como lhe chama o ilustre professor Vergilo Correia, no seu «Monumentos e Esculturas».

Café Luso

Canção Nacional

Aviso a Ex.mas e distinta clientela deste benquisto Café, que cantam hoje, das 21 as 0 horas, conforme pedidos recebidos, as populares e queridas artistas Berta Cardoso e Madalena de Melo, que vão deliciar os seus numerosos admiradores, com o seu encantador duêto. Noite de enorme alegria!...

Avenida da Liberdade, 31

Barbosa & Costa L.da
Tem *em exposição o* **mais chic mobiliario** *e de maior originalidade* **a preços sem competencia.**
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone **23562**

A Cidade

Mobiliário e Decorações
MAURICIO
Arte, Elegancia, Gosto
Rua Augusta, 240-1.º
LISBOA Telef. 2 8229

A ex-rainha D. Amelia de Orleans, que está a fazer uma cura de aguas em Evian, passeando nos jardins do hotel em que está hospedada

(Foto France-Presse)

COLEGIO ULISSIPONENSE

O director do Colegio Ulissiponense sr. prof. Gomes da Costa, enviou para a Inspecção Geral do Ensino Particular o relatorio oficial do resultado dos exames dos seus alunos que no ano lectivo que acaba de findar prestaram publicamente as suas provas nos liceus e escolas oficiais.

Por ele se verifica que 89 0/0 das alunos admitidos a exame ficaram aprovados e distintos.

Este resultado verdadeiramente notavel especialmente num ano em que se registaram grande numero de reprovações, constitui mais uma gloria para o Colegio Ulissiponense que continua assim a manter a sua gloriosa tradição graças ao seu esplendido corpo docente, constituido pelos melhores professores do ensino superior, secundario e primario, e á excelente orientação pedagogica seguida naquele modelar estabelecimento de ensino.

A matricula para os novos e antigos alunos de ambos os sexos está aberta a partir do proximo dia 20, na secretaria do Colegio, rua Mousinho da Silveira, 23 (junto á Praça Marquês de Pombal e R. Alexandre Herculano), tele. 4 4613, aonde se dão todos os esclarecimentos e está patente a extensa relação de alunos aprovados nos liceus e escolas oficiais.

NOTICIAS DE ESPANHA

Propaganda comunista

BARCELONA, 16.—Depois duma semana de aturadas investigações, a Policia conseguiu descobrir a casa onde se imprimia clandestinamente grande quantidade de folhetos de propaganda comunista. Numa busca que ali se realizou, descobriram-se muitas armas, munições e frascos com acidos corrosivos. Fizeram-se três prisões.—(United Press).

Oito colchas roubadas

Por ordem das autoridades do Fundão, foram apreendidas pelo agente José Augusto Lopes, da P. I. C., numa casa de penhores, oito colchas de seda, no valor de 13.000$00, que haviam sido furtadas no Fundão á sr.ª D. Ermelinda da Conceição ali residente.

O autor do roubo foi preso e condenado, tendo, porem, conseguido evadir-se ha dias da cadeia.

Continua envolto em misterio um roubo de joias no valor de cem contos

Conforme o «Diario de Lisboa» noticiou, o sr. Joaquim Rodrigues queixou-se á Policia de que os gatunos lhe furtaram de um cofre dinheiro e joias no valor de 100 contos. O cofre violado estava fechado e só podia ser aberto por quem conhecesse as letras do respectivo segredo, de tal circunstancia se concluindo que o autor do furto devia ser pessoa da privança do roubado.

A Policia, consequentemente, prendeu o porteiro do predio e um outro individuo, empregado do sr. Joaquim Rodrigues, os quais têm negado terminantemente qualquer interferencia directa ou indirecta no caso.

Os agentes Pinto da Rosa e José da Paz, segundo as averiguações a que têm procedido, admitem tambem a hipotese de que não tenham sido eles os autores do furto.

O chefe Antonio Augusto foi ontem fazer um exame ao cofre depois de ter ouvido o queixoso, o qual lhe declarou que a chave havia ficado dependurada no escritorio. Daí a hipotese tambem aceitavel de que os gatunos, tendo entrado ali sem que alguem os pressentisse, se utilizassem da propria chave para praticar o roubo.

Como se verifica, o caso continua envolvido em misterio.

A Policia enviou a todas as casas de penhores uma relação discriminada das joias furtadas e pediu não só que se fizesse a sua apreensão mas que fossem detidas as pessoas que aparecerem a transaccioná-las.

No entanto, aguarda-se o resultado do exame feito pelo pessoal do Posto Antropometrico do Governo Civil ás impressões digitais recolhidas no cofre.

Chegou a Braga o peregrino

que anda pelo mundo com uma cruz ás costas

BRAGA, 16—Chegou a esta cidade o peregrino alemão que tem andado a dar a volta ao mundo com uma pesada cruz aos ombros. Chama-se João Baptista Muller e tem sesenta anos que parecem oitenta a julgar pelas suas compridas barbas brancas.

Veste tunica negra, coberta de medalhas dos santos da sua devoção, e calça sandalias de madeira, presas aos pés com tiras de coiro.

Nasceu na Baviera e já não é a primeira peregrinação que realiza.

A ultima vez chegou a Jesusalem em 1933, e no ano seguinte era recebido em Roma pelo Papa que o abençoou, indo depois ao Monte Tabor depoôr a cruz que arrastára. Este ano saiu de Metz com nova cruz e assistiu em Lourdes ás festas do Triduo. Esteve depois em Toulouse, entrou em Espanha por Vichy, e passou por Barcelona, Saragoça, Santander e ultimamente por Santiago de Compostela e Vigo.

Actualmente é apenas portador duma cana e duma palma por lhe haverem quebrado a cruz em Barcelona, depois de haver sido perseguido na Turquia.

O peregrino, que tem despertado curiosidade nas ruas desta cidade, assistiu na Catedral ás festas em honra de Santa Maria Maior, e segue amanhã para o Porto e depois para Lisboa.—(Especial)

Willy Post caiu e morreu

quando tentava a volta ao mundo

SEATLE, 16.—O celebre aviador norte-americano Willy Post, que tentava a volta ao mundo, para a qual partira acompanhado de sua mulher e do actor cinematografico Willy Rogers, sofreu um grave desastre quando voava proximo do Alaska.

O aparelho despenhou-se e Willy Post teve morte instantanea, bem como o seu companheiro de Viagem. Ignora-se ainda se a mulher do aviador perdeu tambem a vida no desastre ou se não o acompanhava nesta «étape» do seu arrojado vôo.—(U. P.).

A morte duma rapariga que se atirou abaixo dum automovel em movimento

D. Irene Maria França

FIGUEIRA DA FOZ, 16 (Pelo telefone)—Continua envolto em misterio o desastre de que foi vitima uma gentil rapariga desta cidade, Irene Maria França, de 18 anos, filha de Cipriano Torres e de Adelina França Gomes, o qual, segundo todas as probabilidades, deve ter ocorrido nas circunstancias que o «Diario de Lisboa» ontem relatou.

Após o desastre, que se deu depois das 20 horas, na estrada da serra da Boa Viagem, a pobre rapariga não voltou a falar, tendo perdido completamente o conhecimento das pessoas, motivo por que não foi possivel reconstituir o acidente, segundo as suas proprias declarações.

Nos três dias que durou o seu longo sofrimento, foi alimentada com injecções. Os medicos empregaram todos os esforços para a salvar, mas foi tudo inutil. Ontem, de tarde, a pobre pequena deixava de existir, levando para a sepultura o segredo da sua morte.

O caso é o assunto de todas as conversas na Figueira. Dada a insuficiencia de provas, correm diversas versões. A mais logica, no entanto, a mais verosimil é a que geralmente predomina é aquela de que nos fizemos éco.

O automovel era guiado pelo sr. Antonio Torres, proprietario duma oficina de reparação de automoveis.

A vitima tinha 5 irmãs e era a mais nova de todas. Segundo nos informaram, estava já pedida em casamento por um comerciante de Lisboa.

A familia da infeliz rapariga, especialmente seu tio, o sr. Francisco França, director e gerente da Coimbra Editora, pretende esclarecer completamente o caso, para o que se encontra já na Figueira um agente da Policia de Investigação de Coimbra, com a missão de apurar a responsabilidade que cabe ao sr. Antonio Torres, o qual foi posto em liberdade, sob fiança.

O funeral da infeliz Irene realizou-se hoje, ás 17 horas, da casa mortuaria do hospital para o cemiterio de Tavarede, pois a quinta em que a pequena residia encontra-se situada dentro dos limites da freguesia de Tavarede.

A's 10 horas, perante as autoridades judiciais realizou-se a autopsia da vitima, que foi feita pelos srs. drs. Nogueira Carvalho e medico municipal dr. José Salinas Calado. O agente Santos Junior começou ontem as diligencias policiais para esclarecer as causas da morte de Irene França.

Suscitou-se um conflito entre a Camara de Faro e a empresa espanhola que fornece luz á cidade

FARO, 15—Há muitos anos que a população farense está á mercê dos caprichos duma firma espanhola denominada J. Valverd & C.ª, cujo proprietario-gerente, o sr. Benvindo Valverd, para não fugir á regra, tem cometido entre nós os mais variados *actos*...

Já em 1924 a população se resignava, como hoje, com os abusos da referida firma. A cidade só era iluminada quando o sr. Valverd queria e chegou-se a mandar arrancar os contadores da energia electrica sem se pedir, sequer, licença aos consumidores...

Presentemente, a questão suscitada entre o Municipio e o sr. Valverd tomou um aspecto bastante sério, grave mesmo, passando-se ao campo da maroteira... O sr. Valverd, não querendo esperar que o sr. ministro das Obras Publicas dê solução ao caso, resolveu por sua expontanea vontade mandar arrancar os contadores e cortar a energia aos numerosos consumidores que se limitaram a acompanhar o seu Municipio não pagando luz a mais de 1$20. Vai mais longe o sr. Valverd. Não respeitando ordens nem instruções das autoridades portuguesas, manda que se tirem as cadernetas por onde os consumidores se regulam na contagem da energia consumida, e, por ultimo, põe a cidade ás escuras e proibe a entrada na Central das autoridades portuguesas içando a bandeira espanhola, o que deu motivo a ser a referida central guardada pela força publica.

Temos, portanto, mais de vinte mil pessoas a sofrer consecutivamente as impertinencias do sr. Valverd. Algumas industrias estão paralizadas porque não ha luz e o animo publico exalta-se dia a dia, contra este espanhol impertinente.

A população exige que se apurem todas as responsabilidades do sr. Valverd e que ele seja posto além-Guadiana, unico lugar onde lhe podem ser concedidos direitos especiais para fazer o que quizer e entender...

Fantastica noticia da morte de três pescadores

OLHÃO, 13—E' absolutamente destituida de fundamento a noticia posta a correr por certos jornais de que á entrada da barra desta Vila tenham perecido a fogados três pescadores.

O vento sueste fez, na madrugada da preterita sexta-feira, voltar algumas lanchas da «sacada» em frente á Fuzeta.

Os tripulantes foram prontamente salvos pelos companheiros doutras embarcações que navegavam proximo.

Uma queima de polvora velha

no deposito de Beirolas fez correr boatos de uma explosão

Esta tarde correu a noticia de que se dera uma grande explosão de polvora no Deposito de Munições em Beirolas.

Do ministerio da Guerra, para onde pedimos telefonicamente informes, disseram-nos que o facto se limitou a uma vulgar inutilização de polvora velha. A sua deteriorização poderia sim, provocar uma verdadeira explosão, em face do grande calor.

A destruição da polvora, feita esta tarde, deu lugar com o estrondo á quebra de alguns vidros dos edificios do Deposito de Beirolas.

PROEZAS DE GATUNOS

Queixaram-se á Policia: o sr. Ernesto Augusto Bandeira, patio de S. Vicente, 3 contra um individuo que lhe furtou varios moveis no valor de 2.600$00; a sr.ª Alice Aleixo de Matos, rua David de Sousa, 8, 2.º, contra uma mulher que lhe roubou 1.000$00; o sr. João Neves Coutinho, rua da Oliveira ao Carmo, 22, 2.º, contra um individuo que se recusou a entregar-lhe uma camioneta.

— O agente Constantino, da P. I. C., procura descobrir o paradeiro de um individuo, que ultimamente tem praticado varios furtos de bicicletas, no Parque Eduardo VII.

Pinte
seus
belos
K
O
M
e ser
sempr
jo
REPRESENTA
M. Ca
Avenida Al
Reis, 166
Telef. 4
DEPOSITARIO
Farm
Olive
Rua da Pr

SENHORAS

PRIMOL, a melhor tinta para pintar os cabelos em 15 minutos, em todas as côres, vende porções de 5$00. Cabeleireiro do Rossio, 93, no 2.º, subir no elevador.

A Cidade

Ouro, Pratas, Joias

Brilhantes de todos os tamanhos, relogios, cautelas de penhores. Vendam na **Rua da Prata, 259,** *esquina de Sta Justa, que é a casa que maiores preços oferece e fazem-se trocas nas melhores condições.*

Um inocente condenado

pede a suspensão da pena ou a liberdade condicional

Da Penitenciaria, onde se encontra a cumprir a pena a que foi condenado, escreveu-nos o recluso n.º 411, José Fernandes, que foi «chauffeur» no Funchal, pedindo-nos que nos ocupassemos do seu caso:

«Aproveitando a ocasião para os requerimentos a pedir indulto no aniversario da proclamação da Republica—diz-nos—eu tambem requeri, não a pedir indulto, porque um inocente não tem que pedir perdão, mas a solicitar a liberdade incondicional ou a suspensão da pena, para, uma vez em liberdade, poder tratar da revisão do processo e de rehabilitar o meu nome do labeu infamante com que o conspurcaram».

No dia 16 do mês passado foram os diversos processos distribuidos, cabendo o do referido preso ao sr. dr. Barbosa de Magalhães. Para o ilustre magistrado pede o condenado que apelemos.

«Parece incrivel—acrescenta—o que se tem dado comigo. Toda a gente da Madeira sabe muito bem que estou inocente, a começar pelo chefe Avelino que me obrigou a confessar um crime que não me cometi e me fez condenar pelas falsas declarações de dois cadastrados.

«Depois das investigações do sr. chefe Ribeiro Fernandes, criteriosamente dirigidas pelo sr. tenente Eduardo de Sousa Almeida, então comandante da policia do Funchal e hoje oficial da de Lisboa, ficou exuberantemente demonstrada a minha inocencia, com a confissão de Fernando Faria, o «Arguim», de ter sido ele o assassino do civico n.º 81, Albino Marques Barcelos, na Fabrica de S. Filipe, onde se fez a reconstituição do crime. Pois, apesar disso, o «Arguim» não foi pronunciado e continua a gozar o sol da liberdade, enquanto eu definho no fundo duma cela da Penitenciaria, marcado com um numero de ignominia, a pagar por um crime que não cometi».

José Fernandes é pobre. Não tem, por isso, dinheiro para mandar um advogado á Madeira, a fim de tratar da sua situação. Só póde, pois, contar com a clarividencia da justiça que certamente quererá reparar o erro que ha anos se praticou e que tanto tem feito sofrer um inocente.

E' interessante notar que o «Arguim» já diversas vezes confessou á policia que foi ele quem matou o policia n.º 81. Mas, sempre que foi enviado a juizo, negou, sendo, por isso, posto em liberdade.

A primeira confissão foi feita ao pai do José Fernandes, a quem o assassino disse: «Seu filho está inocente. Eu é que devo ir para a cadeia ocupar o lugar dele». E a segunda ao chefe Fernandes, a quem o criminoso descreveu, pormenorizadamente, toda a sua façanha. A terceira confissão do «Arguim»—que é vendedor ambulante de artigos passados aos direitos—foi feita ao sr. tenente Sousa de Almeida, diante dos jornalistas do Funchal. A quarta foi no local do crime, durante a sua reconstituição

Apesar disto, porém, o «Arguim» continua em liberdade e o José Fernandes esta cumprindo a pena a que injustamente foi condenado, devido, sobretudo, ao falso testemunho do preto Timóteo Monteiro que o condenado diz ter sido manejado por um seu antigo patrão com quem tivera um grave conflito. De resto, isto mesmo foi confessado pelo negro, segundo o testemunho de cinco pessoas que publicamente o declararam.

O José Fernandes foi condenado a 23 anos e já está preso ha 4. E', pois, tempo de o restituir á liberdade. Se não se lhe póde restituir o que, pagando por outro, perdeu, dê-se-lhe ao menos a compensação, embora insuficiente, da libertação, para que possa viver e redimir-se da infamia que falsamente lhe assacaram.

CARTA DE PORTUGAL

Da direcção geral do Instituto Geografico e Cadastral recebemos um primoroso exemplar da folha n.º 17 C (Santa Comba Dão) da Carta de Portugal, que agradecemos.

Este trabalho, que se encontra executado na escala de 1|50.000, a cinco cores, é mais uma obra valiosa daquele Instituto.

MARINHA DE GUERRA BRASILEIRA

A bordo do "Almirante Saldanha"

estiveram hoje o embaixador do Brasil e os altos comandos da armada portuguesa

O sr. embaixador do Brasil entrando a bordo do "Almirante Saldanha"

O dia de hoje foi consagrado á retribuição de visitas a bordo do navio-escola brasileiro «Almirante Saldanha», por parte de entidades portuguesas e brasileiras.

Cêrca das 10 e 30 foi a bordo o chefe do Departamento Maritimo do Centro, sr. capitão de mar e guerra Pedro Rodrigues e pouco depois estiveram a bordo os srs. comandante geral da Armada, vice-almirante Sarmento Saavedra e chefe do Estado Maior Naval, contra-almirante Oliveira Muzanty.

Pouco antes do meio dia entrou a bordo do «Almirante Saldanha», o 1.º tenente sr. Guilhermino Martins de Magalhães, que foi, em nome do ministro da Marinha, agradecer os cumprimentos apresentados ontem pelo comandante Durval de Oliveira Teixeira.

A todas estas entidades foram prestadas as continencias da ordenança, á entrada e á saída de bordo.

A's 14 horas chegou ao cais da doca, o embaixador do Brasil sr. dr. Guerra Duval, acompanhado pelos secretarios da embaixada srs. drs. Teixeira Soares e Bueno Prado.

Ao portaló do «Almirante Saldanha», encontrava-se o seu comandante sr. capitão de mar e guerra Durval de Oliveira Teixeira, com toda a aficialidade. Os guardas-marinhas e 2.os tenente, que andam em viagem de instrução, formavam aparte. A guarnição alinhava ao longo da tolda, em continencia.

No momento em que o sr. dr. Guerra Duval entrou a bordo, a banda do navio, agrupada á popa, executou o hino brasileiro e os clarins deram o toque de sentido.

Após os primeiros cumprimentos, o embaixador do Brasil passou em revista a guarnição e desceu ás acomodações do comandante onde se trocaram breves saudações, sendo servido um vinho de honra.

O sr. dr. Guerra Duval manifestou a sua satisfação por voltar a ver em aguas portuguesas um navio de guerra da sua patria e desejou a todos feliz regresso ao Brasil.

Quando o embaixador se retirou de bordo, repetiram-se as continencias da ordenança e a banda voltou a executar o hino brasileiro.

A' hora de fecharmos o nosso jornal, está a decorrer no Estoril, um elegante chá oferecido pelo ministro da Marinha, á oficialidade do «Alirante Saldanha». Os convidados, em numero de 200, seguiram para ali em comboio especial ás 16 e 15, devendo regressar num outro ás 19 e 35.

Amanhã, á noite, ha um baile na Parada, em Cascais.

Na segunda-feira, o embaixador do Brasil oferece um banquete na embaixada, para o qual estão convidados altos comandos da Armada portuguesa e o comandante e mais seis oficiais brasileiros.

A bordo do «Almirante Saldanha» haverá uma recepção, em dia ainda não fixado.

"Radio Semanal"

Encontra-se publicado o terceiro numero especial da interessante revista radiofonica «Radio-Semanal» dedicado ás ondas curtas na Alemanha.

Recheado de belas gravuras, com valiosa colaboração literaria, inserindo os programas completos das emissoras nacionais e estrangeiras e as mais uteis indicações para os radiofilos, este numero de «Radio-Semanal» marca mais um exito para a feliz iniciativa do «Jornal do Comercio e das Colonias», pois se impõe como uma revista moderna, com um aspecto europeu, que se torna absolutamente indispensavel a todos quantos se interessam pela T. S. F. no nosos país.

A MARISQUEIRA
encontra-se aberta até ás 24 horas
R. dos Fanqueiross, 62-64-66

Começa amanhã a disputar-se

o Porto-Vigo-Porto em bicicleta

PORTO, 16 (Pelo telefone)—Começa amanhã a importante prova ciclista Porto-Vigo-Porto, que termina no proximo domingo, pelas 18 horas, com a chegada ao Estadio do Lima dos estradistas que nela tomam parte. Do sul nenhum club ou entidade se faz representar.

Pela nossa delegação no Porto foi hoje entregue aos organizadores da prova a valiosa taça denominada «Diario de Lisboa», oferecida pelo nosso jornal para ser disputada na referida prova.

Evasão de presos

FAFE, 16.—Hoje, á 1 hora da madrugada, evadiram-se da cadeia desta vila, por meio de arrombamento, os presos Artur Lopes, o famigerado gatuno Ardegão e Bernardino Gonçalves, todos julgados e condenados ha pouco.

A hipotese mais aceitavel

acerca do desastre que ocorreu ontem em Ovar

Causou dolorosa impressão em todo o país, especialmente nos meios aeronauticos e desportivos, a espantosa tragedia ontem registada a alguns quilometros de Ovar, durante as provas de tiro e bombardeamento dos oito alumos da Escola de Aviação Militar de Sintra, que terminam amanhã.

Os corpos das vitimas—o capitão Jorge de Figueiredo e o alferes-aluno João Mateus da Cruz—estão no salão nobre da Camara Municipal de Espinho, armado em camara ardente, tendo durante o dia de hoje sido velados por diversas entidades oficiais e por numeroso elemento civil.

Em Espinho, encontra-se o sr. coronel Cifka Duarte, inspector da Aeronautica Militar, que está a tratar da organização dos funerais.

A fim de esclarecer quais as causas do acidente, a direcção da Aeronautica Militar pediu ao ministerio da Guerra autorização para realizar o exame pericial dos explosivos, tendo esse pedido sido deferido pelo sr. coronel Passos e Sousa.

Durante o dia de hoje têm sido recebidos na direcção da Arma de Aeronautica muitos telegramas de condolencias, um dos quais do sr. presidente da Republica que já ontem, logo que teve conhecimento do desastre que vitimou os dois aviadores, telefonou ao sr. director geral da Aeronautica Militar exprimindo-lhe o seu pesar pelo desastre.

Tambem o capitão de mar e guerra brasileiro sr. Durval de Oliveira Teixeira, comandante do navio-escola *Almirante Saldanha*, fundeado no Tejo, enviou telegraficamente os seus pesames á direcção da Aeronautica Militar.

Como se deu o desastre

A tragedia de ontem foi inedita em Portugal, onde sobretudo pela qualidade do material e pelo seu uso prolongado, tem sido proporcionalmente grande o numero de desastres de aviação.

Era, por isso, natural que procurassemos ouvir a opinião de alguem que pelos seus conhecimentos tecnicos pudesse formar uma impressão tanto quanto possivel exacta do acontecimento.

O ilustre aviador sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, incontestavelmente a maior autoridade em materia de aviação no nosso país, ao fazermos-lhe as nossas preguntas, respondeu que nada nos podia dizer de positivo, e que o inquerito oficial certamente esclareceria o que se passou.

—Em todo o caso—acrescentou—é licito que me pregunte o que penso, em face dos elementos de noticia de que já disponho. E, assim, responde-lhe-ei apenas isto: Uma das maneiras de passar sobre o alvo á passar primeiro com o vento a favor; pouco depois, faz-se uma volta «á vertical», bem pronunciada, ficando-se face ao vento e quasi no rumo. Talvez o alferes Cruz levasse já a mão na alavanca de disparo, como tambem é natural. Desequilibrado pela volta «á vertical», pode ter disparado sem querer, infelizmente a bomba do lado de cima. Esta, soltando-se, pode ter dado tempo a que a espoleta funcionasse, e resvalando junto do avião, ter vindo percutir na bomba de baixo, provocando a explosão.

O funeral deve realizar-se hoje hoje, pelas 19 horas, aguardando-se ainda instruções da direcção da Arma de Aeronautica, para que os corpos sejam trasladados para Lisboa.

O comercio de Espinho deliberou manter encerradas as portas dos seus estabelecimentos em sinal de luto, não devendo tambem, a exemplo de ontem, funcionarem hoje o Casino, o dancing e as orquestras nos cafés.

UM PROJECTO MALOGRADO

Novas manifestações contra a denominação de lingua «brasileira»

para a lingua falada no Brasil

Os jornais chegados do Brasil publicam novas manifestações dos mais brilhantes intelectuais brasileiros sobre o disparate de 158 deputados terem pretendido mudar de lingua por decreto.

Aqui temos, por exemplo, o resumo de um discurso do ilustre director do «Jornal do Comercio» e membro da Academia Brasileira de Letras, pronunciado na sessão em que a mesma academia se pronunciou contra o dispantenio dos referidos deputados:

«... O sr. Felix Pacheco, aludindo á obnubilação geral do senso comum que vai por toda parte em nossa terra, multiplicando a confusão gerando iniciativas como a do projecto de que se trata, disse que precisava acentuar que era profundamente nacionalista, mas que achava exquisito que só houvesse nacionalismo no Brasil contra os lusitanos. O tempo da influencia exagerada da colonia portuguesa nos meios nacionais ha muito passou. Mas a hostilidade antipatica e obstinada contra a raça de que procedemos e que foi a que descobriu e colonizou o nosso país, recresceu sem razão e fóra de horas. Ninguem fala entretanto, de outros perigos, esses sim de incalculavel gravidade, como o perig alemão e o perigo japonês. A situação nos Estados do Sul, em relação ao germanismo, é a mesma de antes da guerra. Não se aproveitou absolutamente o longo periodo decorrido da conflagração europeia até hoje para modificar de algum modo esse estado de coisas no sentido nacional brasileiro. A lingua falada ali em muitos lugares é o alemão e só o alemão. O alemão é um esplendido colono na realidade, mas refractario a uma assimilação completa connosco. Contra isso o espirito nativista dos lusofobos não protesta, como não protesta em relação á invasão em massa dos japoneses, contra a letra expressa da Constituição, sob o control exclusivo do Governo de Toquio, comprando onde entendem largas porções de terra e localizando por aí afora os seus quistos, á inteira revelia da administração brasileira, como se estivessem na Manchuria ou na Coréa, procurando, ainda por cima, iludir-nos com a miragem de relações comerciais cujas vantagens as cifras actuais irrespondiveis mostram que são uma perfeita pilheria, arranjada para mascarar objectivos politicos inconfessaveis».

Celso Vieira, tambem ilustre escritor e academico, publicou em o jornal «A Noite» um artigo do qual destacamos alguns topicos:

«...Enquanto o poder executivo, com os maiores aplausos, vai sofreando o galope ao comunismo, através das instituições, dá-nos o legislativo um quadro hilariante nesse projecto, ou melhor, nessa formidavel pilheria de cento e cinquenta e oito deputados, que resolveram denominar brasileiro o idioma português. Assim os vereadores mudam o nome das praças no Rio e os empresarios substituem o das peças no cartaz.

...Lingua brasileira!... Como fôra possivel desencantá-la do glossario de Martins, onde tumultuam oito linguas gerais e quasi sessenta dialectos? Admitida a supremacia do tupy-guarany, quem o fala e escreve na aula do general Couto de Magalhães ou do sabio Teodoro Sampaio? Não é outra a nossa lingua corrente senão a portuguesa, na qual se entendem melhor um camponio do Alentejo e um pescador da ilha de Marajó, com toda a sua dissemelhança, que um «leader» de bancada reformista e um chefe dos indios coroados ou botocudos, em qualquer variante do «Glossaria Linguarum Bracilientium». Nem outra é a nossa linguagem criadora de arte escrita. Desestimado pelos rabiscadores, impotentes para lhe sondarem a tecnica e possuirem a beleza, expande-se cada vez ais o idioma europeu, sem perder o nome e a gloria, através da poesia ou da prosa dos nossos verdadeiros artistas.

Com a simples diferenciação da prosodia local nos Estados, seria forçoso dividir a nova lingua brasileira, que von Martius desconheceu, em pernambucana, mineira, paulista, amazonica, cearense. Quanto a mim, só usarei, como tenho feito, nas mesmas doses, o genuino português de velha cêpa. Entre as linguas nacionais sejam de conserva ou de fumeiro, apenas tolero, por vezes, a lingua do Rio Grande...».

O *Imparcial*, em artigo da redacção, ridiculariza o projecto e o autor pela forma que vamos ver:

«O cardapio jacobinista apresenta como prato do dia: Lingua com batatas. Tem razão o sr. Euvaldo Lodi, em ser o primeiro a assinar o projecto mudando o nome da lingua portuguesa. E' ele um dos fornecedores de batatas para o cardapio. Fritas, cosidas ou ensopadas, o sr. Euvaldo Lodi nunca entreteve uma palestra sem esse indispensavel acompanhamento.

E tem muitos concorrentes na Camara dos Deputados, o senhor Euvaldo Lodi.

Em principio, o monopolio dessa produção pertencia ao finado Conselho Municipal, hoje transformado em Camara, com liberdade de produzir batatas, mas sem o monopolio, pois a Camara dos Deputados entrou firme e forte numa concorrencia desleal. Não se tornava necessario que nossos deputados manifestassem, de fórma tão clara, a idiosincrasia pela lingua portuguesa.

Os redactores de debates da Camara já se haviam apercebido disso, juntamente com os jornalistas, castigados em serviço naquela casa.

A lingua portuguesa era ofendida violentada, bartalizada todos dias, menos aos domingos, quando repousava da tortura porque não havia sessão.

Os jornalistas portugueses praticam um grande erro, levando a sério o projecto solanaceo do sr. Euvaldo Lodi. Porque, nós, brasileiros, continuaremos escrevendo em português a falando a lingua portuguesa.

Tais fantasias surgem de quando em vez no Brasil. São fórmas de exibicionismo. Isto dá forte e dura pouco.

O projecto que o sr. Euvaldo Lodi assinou em primeiro lugar desanima a todos os brasileiros, porque demonstra o padrão elevado de ignorancia e de estupidez dos expoentes da nossa politicagem».

CONSIDERAÇÕES AMENAS

Em redor do "Diario do Governo"...

O jornal oficial, sem ingresso na maioria das casas, ao contrario do privilegio dos varios quotidianos que entram em todos os lares, essas paginas percorridas dia a dia, obrigatoriamente pelos nossos olhos, não são, com opinião de muitos, um conjunto de vulgaridades.

Necessario é, claramente, perscrutá-lo nas intenções e mesmo nas circunstancias. Foi o sisudo e grave «Diario do Governo» até 31 de outubro de 1858, consubstanciando elementos historicos e até notas despercebidas ou ocultas nos apropriados orgãos divulgadores.

Passam ao «Diario de Lisboa» de 1 de novembro de 1859 a Dezembro de 1868 os informes publicos, de envolta com as curiosidades de programas teatrais de contratos excentricos.

E entra o ano de 1869 no recomeço do «Diario do Governo», especializado em ditames oficiais.

Manteve até 1913 a indestrinça de alegrias e dissabores; de contentos e de cataclismos.

Nessas alturas o decreto n.º 137, de 17 de setembro, determina a contar de 1 de outubro, a separata em três series ,impendendo á primeira a legislação; á segunda, os varios diplomas nomeativos, exoneradores, etc.; analas sumarizadas; e á terceira, os anuncios, avisos e correlativos, livre de indice...

Se nas duas primordiais, ha, por vezes, o seu bocado de drama, de tese episodica e quiçá de tragedia, a ultima, acorrentada á cauda dos exemplares de grande formato usados até ao ano predecessor da guerra, relidos os informes pelos proprios indiferentes, passou a ostentar, isolada, apenas para os interessados, o sudario negro, miserando, exposto em singeleza, e realçado nas entrelinhas, na sub-idéa, no relevo dos caracteres tipograficos.

E desfilam ,na serena aparencia:

Os divorcios, com ou sem litigio,— ruinas de um lar, desespero de um ou dois entes, filhos em indecisões; sociedades—que se constituem, ás vezes em bases fantasticas, podendo trazer desuniões, quebras de amizade.

As falencias—sonhos de ambições de, queda de orgulhos.

na derrocada; sociedades—dissolvidas, ilusões desmanchadas, questões, mascaras caidas.

Baixas de capital—horizontes enturvados.

Concordatas—transigencias forçadas e baixas de fundos.

Interdições—prodigalidades entravadas, lances familiares, cerebros obscuros ;editos—onde se procuram endividados ou relapsos, ou se fixam prasos para o recebimento de pensões

E' o desalento que vive, a desgraça perseguindo ou a morte passando...

Aparecem:

Citações—para comparencia em juizo, a justiça erguendo o gladio.

Execuções judiciais—onde se, benevolo o carrasco não decepa cabeças ha a «dura lex» impondo o pagamento de custas a todo o custo;

Arrematações—por dividas particulares ou á Fazenda, o abismo interno; ou por partilhas, a Parca em acção...

Inventarios orfanologicos—ainda ela no preponderio;

Leilões de penhores—casas em desbarato;

Convocações de assembléas gerais— o tumultuario de quantas horas, divergencias, pugras, quando não o desmanchar de feira e, como certo, uma destituição de gerencia;

Relatorios e contas, balanços de bancos e companhias—verbas que jogam na bolsa, na bolsa e no cerebro, torturando-o;

Aberturas de concurso, para fornecimentos, centro de lutas preçarias; de provimento de lugares, em que se uns são criados ou provêm de promoções, bastas origem fruem na necrologia ou na aposentação, indicada velhice...

Por desfastio, licenças a primos que casar querem e cujo futuro é problematico; sorteios de obrigações onde os não favorecidos se arrepelam...

Mandatos retirados—confiança evolada...

Isto e muito mais, em promiscuidade horripilante, achada na curiosa leitura, provocadora destes pensamentos—comentarios, nascidos aos solavancos irritantes para os nervos da que poderiamos classificar de carruagem de III do «Diario do Governo» o expresso da legislação...

ARMANDO RIBEIRO

A batalha de Aljubarrota

comemorada na Murtosa

MURTOSA, 15.—Realizaram-se ontem, em todas as freguesias deste concelho, sessões comemorativas do 550.º aniversario da batalha de Aljubarrota.

Nesta freguesia presidiu o sr. dr. Ernesto Marques Carrão, presidente da comissão concelhia da União Nacional, secretariado pelos srs. Aliplo da Silva Portugal e Abilio José Marques Ramos. Falaram o sr. dr. Carrão e professor Portugal e leu a exortação patriotica do sr. dr. Oliveira Salazar o sr. dr. Apolinario Portugal.

No Monte, presidiu o sr. dr. Joaquim José Ferreira Baptista e leu a exortação a professora D. Celeste da Cruz Vaz.

As comemorações em Aviz

AVIZ, 14. — Para comemoração da batalha de Aljubarrota realizou-se na Cine Teatro uma sessão solene, na qual usaram da palavra os srs. José Fracisco de Moura, dr. Mario Nogueira e Ramiro Lopes Prezado Pimenta.

Foi depois aberto, pelo presidente da sessão, sr. dr. Pimenta Prezado, um envelope, que continha um discurso de homenagem áquela data gloriosa, feito pelo sr. presidente do ministerio.

FESTAS NA CURIA

Por iniciativa da revista «Eva», realizam-se amanhã e depois, na Curia, as interessantes festas em que se evocará « fim de semana de 1900».

Trata-se duma iniciativa muito curiosa, que consta de banho na piscina, transformada em praia do principio do seculo, chá dansante, recitação de monologos por Lino Ferreira e engraçados numeros de variedades por Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Armando Rodrigues e outros artistas.

As gentis discipulas de Francis apresentarão a famosa dansa do «Can-can».

"A cura das doenças pelas plantas"

Editado pelo sr. Evaristo Lisboa, apareceu agora uma pequena brochura intitulada «A cura das doenças pelas plantas», da autoria de Rajodole Saboli.

Trata-se duma util compilação de outros livros já publicados sobre o mesmo assunto, em épocas varias, que encerra a indicação de mais de 100 plantas medicinais que podem ser utilizadas como remedios caseiros, tisanas, receitas diversas e confecção de aguas medicinais.

Este trabalho está organizado de forma a poder ser facilmente consultado por qualquer pessoa.

Caminhos de Ferro Portugueses

Feira de Reguengos de Monsaraz

A C. P. organiza um serviço especial nos dias 15 a 17, para Reguengos de Monsaraz, por ocasião da feira anual. Os bilhetes de ida e volta a preços reduzidos são válidos para a ida até 17 e para a volta até 18. Haverá um comboio especial de Evora para Reguengos no dia 15, ás 8 e 30 e outro de Reguengos para Evora, na noite de 15 para 16, á 1 e 30.

Festas da Agonia em Viana

Por motivo das festas a Nossa Senhora da Agonia, nos dias 17 a 19, em Viana do Castelo, a C. P. organiza um serviço especial, com bilhetes de idade e volta a preços muito reduzidos, válidos para a ida de 14 a 19 e para a volta até 31. Realizar-se-ão tambem numerosos comboios especiais.

Festas do Senhor dos Aflitos em Borba

Nos dias 18 a 21 do corrente, realizam-se em Borba as Festas do Senhor dos Aflitos, pelo que a C. P. organiza um serviço especial, com bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos,, validos para a ida de 17 a 21 e para a volta até 22. Haverá tambem nos dias 18 e 19 comboios especiais entre Souzel e Borba.

Camionagem entre Marinha Grande e S. Pedro de Muel

De 15 do corrente a 16 de outubro, vigora um novo horario do serviço de caminhetas de João Pereira Vilela, de S. Pedro do Muel, combinado com a C. P., para o transporte de passageiros, bagagens e volumes, entre a estação da Marinha Grande e o despacho central de S. Pedro de Muel.

Feiras em Miuzela

Para as feiras que se realizam em Miuzela na quarta quinta-feira de cada mês, as estações de Guarda a Cerdeira, venderão bilhetes de ida e volta para Miuzela, ao dobro dos preços indicados para o mesmo destino na tarifa especial interna n.º 10—(tranvias).

Alegre vinho

Aqui, nas Pedras Salgadas, ha um homem que todos os frequentadores das termas conhecem. Uns de nome ou simplesmente de vista claro, mas outros pelo seu trato e pelo seu convivio. Eu pertenço ao numero feliz dos ultimos.

E' Nicolau Mesquita.

Figura regional de grande prestigio em todo o distrito, a sua posição dentro dele explica-se essencialmente pela sua bondade e pela sua inteligencia.

E' um chefe de industria com qualidades excepcionais, tanto de coração como de espirito, que, como administrador-delegado, está á testa da empresa que explora as aguas termais das Pedras, de Vidago e de Melgaço, a mais forte organização que temos em Portugal, neste genero.

Nicolau de Mesquita tem o raro condão, além disso, da alegria e do humor.

Avaliar-se-á o que é e o que vale o seu cavaco, se por demais sesouber que possui uma excelente memoria, onde armazenou um contingente admiravel e inexaurivel de factos e acontecimentos, referentes a Chaves, a Vila Real e á propria vida publica dos ultimos quarenta anos.

Pena é que nos longos invernos de Chaves, ele se não dê ao trabalho de fixar essas recordações.

A sua residencia fica á entrada do Parque, num chalet, escondido por entre a verdura e no meio de um jardim, onde ha canteiros desenhados com espesso e simpatico buxo conventual.

A sala de visitas habitual onde galhardamente recebe os amigos que aqui vêm ouvi-lo é esse proprio jardim, como naturalmente impõe a estação e a beleza acolhedora e magnifica destas arvores.

Os ultimos cavacos têm sido todos á roda de uma garrafa de vinho do Porto, da era de 1870, que o dr. José Serodio, um lavrador galhardo do Douro, lhe trouxe do Pinhão.

Nicolau de Mesquita bebe esse enigmatico e misterioso licor, com todas as conveniencias e preceitos, devidos á jerarquia do nectar.

Os amigos, em roda, acompanham-no com o mesmo extase.

Escusado será dizer que o dr. José Serodio, lavrador apaixonado, se regala de prazer, vendo o produto das suas cepas que foram plantadas pelos seus antepassados, honrado e glorificado pelos «gourmets» que o bebem segundo as regras e lhe sublinham o encanto, com verdadeira agudeza de espirito.

Um comentador esfusiante e agudo é o dr. Nuno Simões, pessoa que se não contenta em estudar e perscrutar o aspecto economico desta riqueza nacional, completando-se com o conhecimento e a destrinça perfeita e dificil do vinho e com a veluptuosidade rara de o saborear.

Porque não é uma tarefa facil, a de saber caracterizar e definir um vinho de categoria!

Este Porto de 70 tem-nos merecido referencias que vão desde os silencios recolhidos, com o calix perto do nariz e bem apertado nas mãos, para o aquecer e lhe libertar os doces effluvios, até á evocação do falerno do Horacio e ao esfusiador de conceitos, filosoficos e literarios, rompem de todos os lados.

Um amigo que entra de novo na roda é recebido agressivamente—com doce agressão, diga-se em rigor—pelo desfalque que nos traz na garrafa, sendo logo acolhedramente servido, se se adivinha que pertence a maçonaria eleita dos sabios bebedores e tem portanto o condão de admirar.

Por mim, bem aconchegado numa cadeira, metido nos misterios humanos, a ver se explico e compreendo como é que terra produtora de tão grande maravilha, ainda não conseguiu a felicidade.

Sempre os eternos paradoxos do mundo falivel e desaustinado!

Este vinho do dr. José Serodio, que ele aliás não vende e só serve para presentear amigos, com côr, perfume e paladar de sonho, é certamente dos mais raros dons de Deus, feitos á pobre humanidade!

Encanta a vista, na sua côr doirada que como azeite, se agarra ao vidro, embriaga o olfacto no seu perfume misterioso, deslumbra o paladar pela estranheza do gosto e alvoroça e excita a inteligencia, associando-lhe o que de belo ela prescutou ou sentiu alguma vez, como seja o sorriso de uma mulher, o ritmo de um verso; o encanto de uma melodia ou de um acorde que afaga o ouvido, o sonho de um raio de luz caindo sobre uma mancha suave de côr, a beleza de uma rosa, um idilio de amor.

Todos os sentidos, sinfonicamente se agrupam no mesmo entusiasmo, em unissona vibração.

Nas Pedras Salgadas, como se está vendo, nem só as aguas são de categoria, são-no igualmente os vinhos, para aqueles pelo menos que como eu têm a fortuna de cavaquear ao cair da tarde, com Nicolau de Mesquita, á sombra das suas carvalhas, deixando correr o tempo, como os rios despreocupadamente correm para o mar, como a felicidade deslisa, sem se dar por ela.

A. CHAVES DE ALMEIDA

A profanação da Torre de Belem

vai terminar em preito á Arte e á Historia

Cedendo ao imperio do assunto versado neste artigo somos obrigados a transcrever o que em outro aqui publicamos há um ano mais ou menos. A passagem de palpitante interesse é a seguinte:

«A cidade de Lisboa carece de uma rigorosa remodelação de embelezamento estetico que convenha e corresponda á função e lugar que ocupa como capital de um pais de historia grande e bela e como local predestinado para impor ao Mundo o valor da Raça que deste cantinho da Europa pelos mares alem foi em demanda de novos mundos».

Por verificarmos que a Camara Municipal de Lisboa já francamente segue esse alto criterio, o que vem demontrando em multiplos casos, gostosamente lhe damos já tambem o nosso tão modesto quão caloroso aplauso.

O importante facto da folha oficial ter publicado o decreto-lei que autoriza o Governo a celebrar, pelo Ministerio das Obras Publicas e Comunicações, com a Camara Municipal de Isboa e as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, um contrato destinado a regular a transferencia da fabrica de gás e seus anexos, junto á Torre de Belem, para outro local, dá-nos motivo de certeza do que acima afirmamos: a Camara Municipal de Lisboa, acompanhando o ressurgimento nacional, entrou a valer na directriz das realizações alicerçadas pelo culto estetico artistico em perfeita harmonia com a Historia da capital e da Nação.

Outros com menos razão do que nós poderão ter rejubilado ante o projecto de transferencia do gazometro de Belem, libertando a formosa e historica Torre de tão má vizinhança, pois fomos dos que bradaram contra a afronta que constitua a localisação do referido gazometro junto da Torre de Belem.

Cabe aqui relembrar que ainda relativamente há pouco tempo, no «Diario de Lisboa» de 15 de agosto de 1934, num artigo de nossa autoria, intitulado *A Avenida da India e a sua adaptação historica* em referencia a uma alusão da distinta colaboradora deste jornal D. Maria de Carvalho, acerca do mesmo assunto, nós focamos a imperdoavel profanação que representa o facto da Torre de Belem se encontrar exposta aos inevitaveis estragos causados á sua maravilhosa beleza pelos rolos de fumo que constantemente os gasometros que a ladeiam espalham á sua volta.

Não é, portanto, de estranhar que nos coloquemos no numero dos verdadeiros amigos de Lisboa que, com o mais justificado entusiasmo e plena satisfação, tomaram conhecimento do decreto-lei que vem terminar a profanação da Torre de Belem, fazendo-a remoçar no desafogo do seu optimo local, como uma das mais preciosas joias guarnecendo o colar que cinze o majestosa rainha do Tejo.

Felicitamo-nos de vermos em via de realização o que foi nosso ardente desejo, manifestado com a mais acrisolado apego. Felicitamos o Estado, a Camara Municipal de Lisboa e as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade por em colaboração dignificante e inteligente terem sabido corresponder a uma tão justa pretensão dos amigos de Lisboa em directa homenagem e culto á Arte e Historia nacionais.

Felicitamos, tambem, a Imprensa que pelo assunto tanto se interessou e a população de Lisboa, pois, é digno de registar-se o facto de termos ouvido protestos contra o erro que vai corrigir-se, manifestados até por pessoas incultas, sem noção de beleza e sensibilidade estetica. Ainda há bem pouco tempo, em passeio fluvial a caminha da Trafaria e ao passarmos em frente da decantada Torre, ouvimos comentar o desagradavel aspecto da mesma envolvida na fumarada que a denegria a pessoas que pela aparencia eram totalmente ignorantes. E' que a afrontosa profanação ressaltava á vista menos afeita á beleza e cultura arquitectonicas.

Há, porém, um ponto essencial a atender ainda e que o decreto-lei em questão parece pôr em plano secundario. Vamos analizar.

Diz o decreto-lei em devida altura: «Os terrenos municipais cedidos á Administração Geral do Porto de Lisboa não poderão ser destinados a fins de exploração comercial sem prévio acordo da Camara, ficando esta com o direito a rehave-los ou a receber uma justa indmnização na falta daquele acordo. Quer dizer: a Camara fica autorizada, portanto, mediante «prévio acôrdo» a ceder terrenos junto á Torre para fins comerciais?

Se assim for, é uma autorização arriscada visto que nem sempre—admita-se a hipotese—poderão estar á frente daquela entidade pessoas absolutamente conscias dum rigoroso e condigno urbanismo junto da preciosa Torre.

No entanto, o mesmo decreto-lei diz antes o seguinte:

«Os terrenos agora pertencentes á Camara ou ás Companhias Reunidas Gás e Electricidade onde está instalada a actual fabrica, e seus anexos, serão entregues imediatamente á mudança da fabrica á Administração Geral do Porto de Lisboa, que sederá gratuitamente á Camara os terrenos necessarios para arruamentos municipais, em harmonia com os planos de urbanização aprovados pelo governo».

Desta prescrição se infere que a Camara entrará na posse dos terrenos circunvizinhos da Torre para os adaptar aos planos de urbanização aprovados pelo governo, planos que decerto estarão em perfeita harmonia com o fim historico-artistico da mesma Torre. Como é, pois, que a Camara fica autorizada, mediante *prévio acordo* a ceder os mesmos terrenos, ou parte deles, para fins de exploração comercial? Se os terrenos são cedidos á Camara para arruamentos municipais em harmonia com os planos de urbanização aprovados pelo governo, tudo leva a crêr que os mesmos arruamentos se destinem a ostentar construções que condigam com a arquitectura da Torre ou que, ao menos, não destoem no seu conjunto. Por isso crêmos figurar na citada passagem do decreto-lei a palavra *harmonia* no seu ajustado valor. Em harmonia com os planos de urbanização que, certamente, terão por base principal a propria Torre.

Não compreendemos, pois, que terrenos destinados a fins de exploração comercial, naquele local, possam ou devam ser cedidos, visto que toda ou qualquer construção que ali se faça, destinada a tais fins de exploração comercial, deverá obedecer á *harmonia* dos planos de urbanização que em rigor só podem ter por guia a Torre secular.

Achamos dificil, senão impossivel fazer no local construções destinadas a fins de exploração comercial que possa obedecer escrupulosamente á requerida harmonia de urbanização.

Apontamos o caso pelo simples receio de que, mais cedo ou mais tarde, á mercê das varias edilidades que se sucederem, os terrenos que agora vão ser conquistados em proveito da Torre de Belem, venham a ser aproveitados por quem—relegando a Historia e a Arte—sujeite de novo a linda Torre aos caprichos comerciais que materialmente tudo aproveitam em desfavor das obras do espirito. E' isto que há a tomar em conta.

Nem sempre, por nosso mal, estarão á frente da Camara competencias que saibam servir a cidade com o desvelo que ora se regista. Importa muito, portanto, e desde já destinar os terrenos que se vão conquistar em volta da Torre de Belem a um plano de conjunto harmonico e completo que sirva de moldura ao magnifico quadro da vasta galeria da epopeia dos Descobrimentos, que, embora vasta e rica, naquele tem um dos mais preciosos, o qual deve merecer o maior carinho e salvaguardar-se de possiveis e futuras iras iconoclastas. Se o tempo novo traz sempre a repetição de erros velhos!

SANTOS CRAVINA

Sem leme...

De tudo e de todos

Por este tempo incerto, o melhor é desfraldar a vela e deixar o rumo espiritual ao acaso. E adiante ficam notas que podem satisfazer, ter aplicação ou não a ter, conforme aprouver. Em todo o caso, porém, o que não podem é desagradar ou serem malsinadas.

* * *

O ciume é arte de fazer mais mal a si mesmo do que aos outros.—Dumas-filho.

* * *

O mundo é um esplendido livro mas pouco serve para os que não o sabem lêr.—Goldoni.

* * *

O ovo nem mais quere saber da galinha.

* * *

No delito está a infamia.—Alfieni.

* * *

Deixai toda a esperança vos que entrais.—Dante.

* * *

O amor quere o *corpo* e amizade a *alma*.—Campoamor.

* *

O coração não apresenta rugas.—Madame de Sévigné.

* * *

O genio não é mais do que uma aptidão para a paciencia.—Buffon.

* * *

A inveja está no fundo do coração humano como uma vibora no seu buraco.—Balzac.

* * *

Os ingleses têm mais bom senso que qualquer outro povo, e são doidos.—Metternich.

* * *

O burro suporta a carga mas não a sobrecarga.

* * *

Aquele que não sabe gozar da ventura quando ela lhe chega, não se deve queixar se ela o deixa.—Cervantes.

* * *

Agosto tem a culpa, setembro leva a fruta.

* * *

Fazer bem a velhacos é deitar agua ao mar.

Melhor he merece-los, sem os ter—Que possui-los, sem os merecer.—Camões.

* * *

Espirituosamente, e com tanta justeza quanto espirito, Warrey afirma que a arte da despedida é uma arte que só o parisiense conhece, muito embora, ás vezes, faça visitas demoradas de mais—por que, no momento de se despedir, ele se preocupa do mal que de si vão dizer, pensando no mal que dissera dos outros.

Cá tambem, vaidade deles á parte, surgem bons mestres na materia. E o *até a outra vez* prolongam não receiando do que dele vão dizer, mas em virtude da fertilidade da sua linguinha só temer a falta de tempo... dos outros.

* * *

O dinheiro é um bom servidor e um mão patrão.

* * *

A prece torna a aflição menos dolorosa e a alegria mais pura: ela junta a uma qualquer coisa de fortificante e de doce e á outra um perfume celeste.—Lamennais.

* * *

As mulheres apreciam a temeridade. Quando as assombram interessam-nas e quando as interessam está-se bem feito de lhes agradar.

* * *

As mulheres vão mais longe em amor do que a maior parte dos homens, mas os homens são-lhes superiores na amizade.

* * *

As muheres preferem antes que se lhes toque nos vestidos do que em seu amor proprio.

JOSE' PARREIRA

AVISO

OS GRANDES ARMAZENS DO

CHIADO

estão FECHADOS durante

3 DIAS

para se revêr e marcar
a sua existencia com

descontos que vao até **80 %**

sobre os preços das etiquetas

REABRINDO

NA PROXIMA SEGUNDA-FEIRA

19 DE AGOSTO

para dar começo a esta formidavel **Liquidação** que tem por fim REDUZIR A EXISTENCIA A METADE para ser possivel dar inicio ás **grandes obras** para abertura de novas galerias e modernização dos

Grandes Armazens do Chiado

Tudo se vai vender muito mais barato

Dão-se ainda Fazendas

ABSOLUTAMENTE

de graça

E A' ESCOLHA EM QUALQUER SECÇÃO (excepto as de artigos de alimentação e tabacos) a todos os compradores para mais depressa se reduzir a

EXISTENCIA A METADE

Visitem na proxima 2.ª feira, 19, os

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

O Restaurante e Salão de Chá está aberto todo o dia, como de costume.

SECRETARIA JUDICIAL

DA

1.ª VARA DE LISBOA

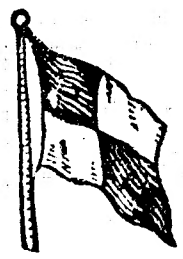
Pela 2.ª secção da 1.ª vara e nos autos de justificação avulsa para habilitação em que D. Maria Leonor da Gama Abreu Pratas ou Maria Leonor da Graça de Abreu Pratas, viuva, proprietaria, moradora na rua Gonçalves Crespo, 10, r/c: Joaquim João de Oliveira, solteiro maior, estudante, morador na rua de Campolide, 87, 1.º, e D. Joaquina Berta da Silveira Dias, casada com Ruy Travassos dos Santos Dias, moradores na rua David de Sousa, 12-1.º, todos de Lisboa, pretendem habilitar-se como unicos e universais herdeiros do falecido Joaquim Neto Pratas, marido da 1.ª e pae dos restantes, natural de Ulme, concelho da Chamusca e que foi morador da rua Gonçalves Crespo, 10 r/c desta cidade, correm editos de trinta dias, contados da publicação do ultimo anuncio, citando os interessados incertos para, no prazo de vinte dias, posterior ao dos editos, impugnarem, querendo, a mesma habilitação ou deduzirem a sua.

Lisboa, 14 de Agosto de 1935.

O Chefe da 2.ª secção da 1.ª vara,
Candido José de Carvalho

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Azevedo e Castro



Companhia Nacional de Navegação

Linha rapida da Africa Oriental e Ocidental

No dia 24 de Agosto, pelas 13 horas, sai o paquete

"QUANZA"

Com destino aos portos do Funchal, Fernando Pó, S. Tomé, Porto Gentil, Pointe Noire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Port Elizabeth, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e com baldeação em Luanda para os portos de LANDANA, NOQUI, BOMA e MATADI (CONGO BELGA) e com baldeação em Lourenço Marques para os portos de Inhambane, Chinde, Quelimane, Macuse, Pebane, Angoche, Porto Amelia, Ibo e Mocimboa da Praia.

IMPORTANTE: — A carga será recebida até ás 20 horas do dia 21 e depois desta data até ás 18 horas do dia 23, com o aumento de 20 0/0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

Linha da Africa Ocidental

No dia 7 de Setembro, pelas 13 horas, sai o vapor

"CUBANGO"

Com destino aos portos de Funchal, S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Cabinda, Sazaire, Ambriz, Luanda, Barra do Dande, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Cuio e Mossamedes.

IMPORTANTE: — A carga será recebida até ás 20 horas do dia 5 e depois desta data até ás 18 horas do dia 6, com o aumento de 20 0/0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

ATENÇAO: — Os paquetes desta Companhia estão classificados na classe 100A1 do Lloyd's.

Esta Companhia aceita carga nos portos do Norte da Europa, Mediterraneo America do Norte, com conhecimento directo para os portos de Africa e com baldeação em Lisboa para os paquetes das carreiras de Africa e vice-versa.

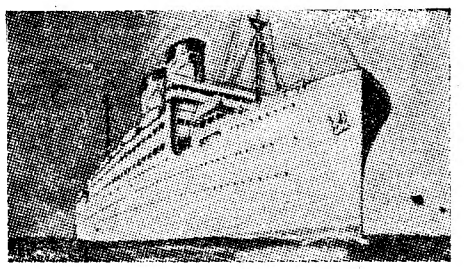
Todas as mercadorias embarcadas no estrangeiro, nestas condições, seguem de Lisboa em regime de reexportação, a fim de poderem gozar do beneficio pautal de 20 0/0.

A todos os passageiros que se destinem ao Congo Belga, recomenda-se a passagem nos paquetes desta Companhia até Pointe Noire, onde tomarão o caminho de ferro que os conduz ao seu destino.

Para esclarecimentos e mais informações

Sede, **LISBOA: Rua do Comercio, n.º 85**—Tel. 2 3021.—(6 linhas)

Sucursal, **PORTO: Rua Infante D. Henrique, n.º 73-2.º**—Tel. Porto 1434.



GREEK LINE

Para NEW-YORK

O paquete **BYRON**

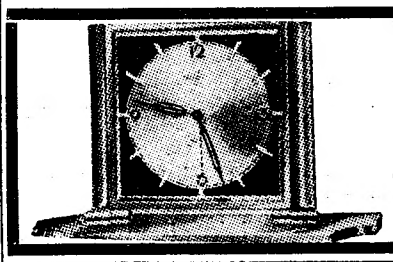
a sair em 30 de Agosto.

Esta Companhia organisa, durante o verão, varios CRUZEIROS DE TURISMO Á GRECIA, a preços especiais.

Para passagens de luxo, 1.ª, turista e 3.ª camarotes e para carga, tratar com os agentes gerais

CARLOS GOMES & C.ª, L.DA

Rua dos Fanqueiros, 15 — Telef. 2 1143



DESPERTADORES

Uma colecção tentadóra

PARA TORROAES

BRINDES USO PROPRIO TODOS OS PREÇOS

119 — Rúa da Prata — 123 Telefone 2421

Se não há

quem o sirva melhor que a Mar'azinha... para que vai a outro lado?!...
Não acha que é disparate?!...

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Caminhos de ferro

A Companhia da Beira Alta acaba de construir um novo edificio para a estação de Abrunhosa, a qual, desde que foi inaugurada, tem estado sempre completamente cheia.

O novo edificio da estação, cuja inauguração oficial será feita ainda este mês, dotado com dois belos quadros de azulejos decorativos, é, sem duvida alguma bonito e próprio para servir a magnifica casa de repouso da Abrunhosa.

Ali param todos os comboios, incluindo os rápidos e o Sud-Express, e, se no verão tem estado completamente cheia, natural é que o mesmo suceda no inverno, pois está dotada com aquecimento e todas as instações necessárias, para uma estação de inverno.

T. S. F.

Troque o seu aparelho

Não importa a marca.

Durante todo êste mez a casa LUIZ RODRIGUES, LDA., Av. da Liberdade, 18, valorizará o seu receptor antiquado por um minimo de Esc. 300$00, fornecendo-lhe em substituição um moderno PHILIPS.

Para o modêlo que escolher ser-lhe-hão concedidas facilidades de pagamento.

TELEF. 2 5119

No verão, bebam vinhos verdes!

Os melhores são os da

Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGULHA — gazoso, tinto e branco, em bottijas e 1/2 bottijas

AMARANTE — tinto, em garrafas e 1/2 garrafas

LAGOSTA — tinto e branco, em bottijas e 1/2 bottijas

ESPECIAL — tinto e branco, em garrafas, garrafões e barris de 100 e 50 L

MINHO — tinto, em garrafões

Encontram-se nas boas casas e na **Filial** de Lisboa, Rua do Alecrim, 117 — Tel. 2 2556.

Distribuição diaria por camioneta.

Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia

ANUNCIO

Concurso publico para arrematação da empreitada de demolições e construção dos edificios destinados ás agencias da Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia, em Estarreja, Oliveira de Azemeis e S. João da Madeira.

Faz-se publico que pelas 13 horas do vigessimo dia, a contar do dia seguinte ao da publicação deste anuncio no «Diario do Governo», na Secretaria da Administração da Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia, no edificio da Séde ao Calhariz, perante a Administração da dita Caixa, se procederá a novo concurso publico, por ter sido anulado o primeiro, para arrematação por empreitada dos trabalhos acima designados.

Para ser admitido ao concurso é necessario efectuar na Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia, em Lisboa, Coimbra ou Porto, á ordem do sr. Administrador Geral da mesma Caixa, o deposito provisorio de Escudos 18.600$00.

O deposito definitivo será de 5 0/0 do preço da adjudicação.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto encontram-se patentes todos os dias uteis das 13 1/2 ás 17 horas. Em Lisboa, nos Obras e Edificios (Séde da Caixa); em Coimbra e no Porto, nas Filiais da Caixa; em Estarreja, Oliveira de Azemeis e S. João da Madeira, nas Agencias da Caixa.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Zagal
E' sempre o carpete que todos devem ver antes de comprar qualquer outro.
No deposito geral
Sociedade de Tapeçarias Lda.
Rua Augusta, 126-130

ESTRANGEIRO

White Horse
WHISKY
O melhor de todos

Pratica-se a caça aos peixes

com armas de ar comprimido

PARIS, 16.—A caça aos peixes é um novo desporte lançado pelo «Club de Debaixo da Agua», que foi organizado recentemente por Jean Painlevé, o famoso fotografo submarino, filho do falecido primeiro ministro Painlevé. Este novo desporte é possivel graças ao genio criador de um oficial do exercito, o tenente-coronel Ives le Prieur, e já tem mais de cem entusiastas sequozes. Todas as semanas os socios do clube vão «caçar» peixes, levando o necessario para mergulhar e espingardas de ar comprimido com as quais disparam umas setas parecidas com varetas de guarda-chuva. O aparelho para mergulhar é muito leve, pois pesa menos de seis libras. Consiste numa mascara de borracha com orificios correspondentes aos olhos, feitos de vidro inquebravel. O ar é ministrado por uma garrafa atada á cintura, ligada por um tubo de borracha á mascara na parte da bôca. A garrafa pode encher-se de ar comprimido com uma bomba vulgar.

A garrafa contém ar necessario para se poder conservar debaixo da agua durante quinze minutos ou mesmo mais.

Para pertencer a este clube é necessario possuir um certificado medico declarando que o «cacador de peixes» dispõe de bons pulmões e coracão. Ha três categorias de socios: neofitos, peritos e exploradores. Os neofitos aprendem a adaptar-se á nova caça, com lições de economia de ar, pontaria debaixo de agua, etc. Os peritos cacam e tiram fotografias sub-aquaticas. Os exploradores são os mais cientificos e dèdicam-se a empreender investigações cientificas submarinas e a fazer mapas e pinturas do fundo do mar.—(United Press).

A ALEMANHA SOB O NAZISMO

A campanha anti-semita

BERLIM, 16.—Contra toda a espectativa, a noite decorreu em perfeita tranquilidade nas imediações do Palacio dos Desportes, onde o maior inimigo dos judeus na Alemanha, Julio Streicher, pronunciou uma conferencia.

Os cafés tiveram menos concorrencia de fregueses que de costume. Após a conferencia o publico dispersou na melhor ordem, sem que se tivesse registado nada de anormal.—(United Press).

Lutas entre catolicos e nazis

KOENIGSBERG, 16.—O «Voelkischer Beobachter» diz que um jovem hitleriano de Marienbourg foi atacado e ferido gravemente pelos membros das associações catolicas, quando regressavam duma reunião dos chefes das Juventudes nazis. Esta agressão representa uma represalia pela captura dum padre catolico da região.—(Havas).

A crise agricola na Dinamarca

COPENHAGUE, 16.—O «comité» da União Agricola dinamarquesa, que compreende mil leitarias e cinquenta açougues, descontente com a policia do governo e dos partidos politicos, no que respeita aos meios proprios a remediar a crise agricola, resolveu recomendar aos seus membros que concluam directamente acôrdos que lhes permitam exportar os seus produtos.—(Havas).

A VICTORIA
DE BERLIM
Fundada em 1853
Seguros de VIDA
LISBOA—R. DE S. JULIÃO, 190, 3.º

Dr. Jorge Santos
DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS
Hemorroidas, Fistulas, Varizes, Flebites Uceras das pernas, Doenças das senhoras, Tratamentos modernos sem operação, sem dôr nem descanço. Das 3 as 5, R. Nova da Trindade 9-2.º-Dt. Tel. 2845. Cl. nobres as 9 horas.

As famosas minas de Tauern

vão ser de novo exploradas

BAD GASTAIN (Austria), 16—Recomeçará em breve a exploração aurifera em grande escala, se as negociações que actualmente se realizam entre um importante grupo de financeiros ingleses, tiverem exito. Há dois mil anos que as minas das montanhas de Tauern têm produzido ouro para as necessidades mundiais. Os romanos rasgaram um caminho através da cordilheira de Tauern, para transportarem especialmente para a Italia o precioso metal amarelo do vale de Lastein, na provincia de Koricum.

Grande numero de edificios da bela cidade baroca de Salzburgo, que milhares de turistas conhece, foram construidos com o ouro de Tauern. Os imperadores alemães e consequentemente os principes-bispos de Salzburgo obtiveram grande parte das suas riquezas principalmente devido ás minas de Tauern. Estas minas já há dez anos que estão fechadas porque a Austria não possui o dinheiro necessario para a modernização dos metodos de produção.

No ano passado, quando sir Henri Deterding, o famoso magnate da British Dutch Oil, visitou Gastein para uma cura de aguas, interessou-se vivamente pelas minas. Fizeram-se, então, por sua ordem, aturadas investigações, a cargo de tecnicos internacionais, que afirmaram que com o emprego inicial de três a quatro milhões de schellings as minas poderiam modernizar-se para serem exploradas. Desde então têm continuado as negociações, que estão quasi a ultimar-se. A população espera que as minas se abram brevemente, com o que mais de mil e quinhentos operarios, que se encontram desempregados poderiam encontrar trabalho.—(U. P.)

Morreu a cantora francesa

Lucienne Bréval

PARIS, 16.—Após prolongado sofrimento, faleceu esta manhã a cantora francesa Lucienne Bréval, que, se notabilizou cantando as operas de Wagner.

Fez o curso no Conservatorio de Piano de Genebra, onde obteve as mais altas classificações.

Lucienne Bréval era suiça de nascimento, tendo-se mais tarde naturalizado franceza.

A sua morte causou grande impressão nos meios liricos de todo o mundo, onde era muito conhecida.—(United Press).

Roosevelt cria receitas

WASHINGTON, 16.—O Senado aprovou, por 57 votos contra 22, o projecto de Roosevelt que cria novos impostos, assim como uma emenda que proibe futuras emissões de fundos do Estado, isentos de impostos. Este novo projecto prevê um consideravel aumento de impostos nas grandes fortunas e propriedades.—(Havas).

Três oficiais mexicanos executados

por ordem do presidente Calles

MEXICO, 16.—O tribunal competente mandou proceder a um inquerito acêrca da morte do general Francisco Serrano e de outros dois oficiais que foram mandados executar sumariamente, segundo se afirma, pelo ex-presidente Calles.

Os três foram presos por ocasião do levantamento militar de 1927 e conforme se alega na petição apresentada no tribunal para a revisão do processo, o então presidente Calles mandou que fossem fuzilados, sem instrução de qualquer processo, nem sentença do conselho de guerra.—(United Press).

Combate entre rebeldes e federais

MEXICO, 16.—O jornal «Universal» anuncia que em Calpullalban, Estado de Tecla, as tropas federais, depois de um violento e sangrento combate com as forças rebeldes capitaneadas pelo famoso capitão Perez, causaram áquelas 5 mortos e 17 feridos.—(U. P.).

Assalto audacioso a uma joalharia

donde os gatunos roubaram joias no valor de meio milhão de dolares

MONTREAL (Canadá), 16.—Esta manhã, em pleno coração da cidade, três bandidos elegantemente vestidos entraram numa joalharia, á hora a que os empregados se preparavam para ir almoçar. Depois de lhes pedir que lhes mostrassem as joias mais caras que se encontravam arrecadadas no cofre, tiraram as pistolas e desfecharam contra eles, ferindo-os gravemente. Depois, fugiram, num elegante automovel, levando joias avaliadas em meio milhão de dolares.—(U. P.).

Insiste-se na noticia da demissão

do chanceler Schuschnigg

VIENA, 16.—Apesar dos desmentidos publicados por determinada agencia oficiosa austriaca, de que o chanceler Schuschnigg não se demitiria do seu cargo em outubro proximo, a United Press voltou a ser informada de fonte fidedigna que Schuschnigg se demitirá naquela data e que será, provavelmente, substituido pelo governador da Alta Austria, dr. Heinrich Gleissner, que mantém as melhores relações com a Heimwehr e com os nazis austriacos de tendencias moderadas.—(United Press).

O jornalista Jones foi assassinado

pelos bandidos que o raptaram

LONDRES, 16.—Informam de Pequim á Reuter que as tropas chinesas encontraram o cadaver do jornalista inglês Jones, que ha cêrca de quinze dias fôra raptado pelos bandidos. O corpo estava atravessado por três balas de revolver.—(Havas).

Leiam ás quinta-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

O assassinio do general Guilardi

provocou inquietação na Albania

TIRANA, 16.—Devido a razões desconhecidas—informa o Secretariado da Imprensa albanesa—o general Guilardi foi assassinado em Fieri, onde se encontrava de passagem. Este assassinio—acrescenta o Secretariado—provocou desordens naquela localidade. As rapidas providencias tomadas pelas autoridades fizeram que os tumultos se não generalizassem a outros pontos do país, circunscrevendo-se assim a um caracter local. Foi preso um grande numero de agitadores. E' absoluta a tranquilidade em todas as regiões da Albania.—(Havas).

Uma sublevação em Fieri

ROMA, 16.—O jornal albanês «Vatra» informa que rebentou ontem, em Fieri, uma sublevação, após o assassinio do general Guilardi, inspector-chefe do exercito da Albania.

Teria sido declarado o estado de guerra em Fieri, para onde já partiram tropas de Albania.—(United Press).

Veja este retrato. Dir-se-á uma senhora de mais de 60 anos? Ninguem o pode acreditar e, no entanto, temnos.

Embora seja avó, demonstra ainda as emoções da juventude. E' ela mesma quem escreve nestes termos: «Ha alguns meses apenas, a minha pele estava toda enrugada e descaía em certas partes do meu rosto. Eu parecia ter oitenta anos. Uma amiga disse-me que deveria empregar o Créme Tokalon «Biocel», Alimento para a Pele, o que fiz. Foi um verdadeiro milagre. Todas as minhas rugas desapareceram e a pele tornou-se-me firme e encantadora, como a de uma rapariga. O meu retrato mostra a maravilhosa alteração que isso produziu em mim».

A Ciencia provou que as rugas e os musculos enfraquecidos do rosto são causas do desgaste do Biocel da pele. Depois de milhares de experiencias, o Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, conseguiu obter esta preciosa substancia de animais novos, Tokalon adquiriu, para o mundo inteiro, os direitos de empregar o Biocel, e este está contido agora no Creme Tokalon «Biocel», Alimento para a Pele, (Côr de Rosa). Graças ao seu emprego, toda a mulher pode desembaraçar-se das rugas e parecer 10 a 20 anos mais nova. Felizes resultados são garantidos, ou então, o dinheiro ser-lhe-á restituido.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

CAMISARIA MODERNA ROSSIO, 110
SECÇAO DE ENGOMAGEM ELECTRICA
PREÇOS DE ENGOMADOS

Colarinhos (cada)	$50
Punhos	$50
Camisas	2$00
»	2$50

Entrega 3 dias depois.
Embalagem gratis
Telefone 2 4350

A'S SENHORAS
Tinjam os seus vestidos com as afamadas tintas
ARTI

PENSÃO CASTRO
Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e jantares ao domicilio. Recebem-se comensais.
Av. Liberdade, 53-2.º D.

COMO SE DEVE NADAR
PELO PROFESSOR FERNANDO BORDALLO PINHEIRO
Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc,
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ !

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

O CONFLITO ITALO-ETIOPE E AS NEGOCIAÇOES DE PARIS

A Inglaterra exige que a Italia e a Abissinia respeitem os tratados

As conversações oficiais começaram hoje no Quai d'Orsay

PARIS, 16.—Ao terminar o dia de ontem—dia particularmente carregado de entrevistas diplomaticas—confirmava-se que barão de Aloisi expuzera de manhã a Laval a tese italiana, conforme com as linhas gerais expostas já muitas vezes. A Italia, que continua a concentrar importantes forças nas colonias da Somalia e da Eretreia, está resolvida a recorrer ás armas, se uma solução pacifica não lhe permitir obter satisfações correspondentes ás suas exigencias de expansão e á necessidade de assegurar as suas possessões da Africa Oriental.

Parece, no entanto, que Aloisi não indicou a Laval com grande precisão a natureza das reivindicações exigidas pelo seu governo. Julga-se todavia que a Italia pretende estabelecer uma influencia politica geral na Etiopia, respeitando embora os «interesses economicos adquiridos» pela França e pela Inglaterra, nos termos dos tratados existentes e nomeadamente do acôrdo de 1906, na base do qual se vai reunir a Conferencia triangular.

Quanto á posição britanica, tornam a mencionar-se as idéas já por varias vezes expostas, isto é, desde que efectue operações militares na Etiopia, a Italia passará a violar o tratado de 1906 e muito especialmente o pacto Briand-Kellogg, além do pacto da S. D. N. e do tratado de amizade que assinou em 1928 com a Abissinia. Assim, conclui-se que a Inglaterra, nesta questão, exige apenas o respeito dos tratados, insistindo sobre as consequencias que teria para a S. D. N. se este organismo interviesse no caso dum conflito armado entre dois dos seus membros. Esta posição de principio não foi ainda confirmada nem desmentida.

Por outro lado, ha uma certa tendencia para acreditar que o negus parece disposto a ampliar as suas concessões, o que aliás parece confirmar-se pelas declarações feitas recentemente pelo imperador ao correspondente da Havas em Addis-Abeba. Durante essa entrevista, o soberano declarou estar disposto a ceder uma parte da Etiopia á Italia, se lhe concedessem um emprestimo e todas as facilidades dum porto de mar. Não foi ainda possivel saber se esta proposta teria sido mencionada por Hawariate, ministro da Etiopia em Paris, durante as sucessivas conferencias que tem tido com Eden e com Pierre Laval.

O que parece fora de toda a duvida é que o diplomata abexim mostrou desejos de conferenciar, nas vesperas da actual conferencia, com os chefes das delegações francesa e britanica, a fim de repelir de ante-mão toda e qualquer idéa de mandato sobre o seu país, e afirmar a resolução do seu governo de manter uma liberdade completa, embora disposto a colaborar com todos os outros Estados com objectivos de indole economica.

Parece que neste momento, em que as duas teses—inglesa e italiana—são já conhecidas, o Quai d'Orsay se esforça por encontrar uma formula susceptivel de proporcionar uma base de discussão pratica. Nada indica, porém, que o projecto extremamente delicado, em virtude de sua complexidade politica, seja já hoje submetido á conferencia. As conversações preliminares, depois de terem posto na presença uma da outra a delegação inglesa e francesa, depois a francesa e a italiana e por fim a italiana e a britanica, tiveram a utilidade incontestavel de permitir o conhecimento claro do terreno sobre o qual principiam hoje as conversações oficiais.—(Havas).

Comentarios da Imprensa

LONDRES, 16.—Os trabalhos da conferencia anglo-franco-italiana para solução do conflito italo-abexim começaram esta manhã em Paris, num dos salões do Quai d'Orsay.

Conforme noticiámos, durante todo o dia de ontem, os varios delegados tiveram conversas sucessivas, a fim de definir a posição exacta de cada país interessado. Embora, nenhuma informação fosse fornecida á Imprensa sobre as afirmações feitas durante essas conversações preliminares, os jornais desta manhã mantêm a impressão de que nada se passou que viesse deminuir a gravidade da situação, visto a Italia e a Abissinia manterem posições divergentes acêrca da formula que poderá servir de base á solução do problema.

Os mesmos jornais afirmam que tanto a delegação francesa como a delegação da Grã-Bretanha, ao tentarem encontrar uma formula de acôrdo, empreendem um dos mais dificeis trabalhos de que ha memoria. Um ou dois jornais mostram-se menos pessimistas e argumentam «que os delegados franceses e britanicos têm seguramente na mão propostas construtivas, que a Abissinia parece disposta a fazer concessões e que a Italia, pelo facto de enviar um delegado a Paris, dá o direito a esperar que uma solução pacifica evite o grande desastre duma guerra».

O «Daily Telegraph» desta manhã volta a frisar que nas negociações actuais, quer em Paris, quer na Liga de Genebra, o interesse da Grã-Bretanha é apenas o da conversação da paz. Esta opinião vem aliás expressa na maioria dos jornais franceses desta manhã. O «Echo de Paris», por exemplo, salienta que existe uma perfeita comunhão de pontos de vista entre a Inglaterra e a França no que diz respeito á necessidade imperiosa de manter a paz, de respeitar todas as obrigações impostas pelo «Convenant» a todos os membros da S. D. N., que nenhum dos paises tenta neste momento procurar novas vantagens na Etiopia, e que os tratados existentes asseguram á Italia todas as possibilidades de expansão na Abissinia desde que essa expansão seja compativel com o artigo 10.º do Pacto de Genebra, «o qual garante a independencia politica de todos os seus membros». Outros jornais franceses salientam tambem o facto da Liga de Genebra ser a base principal de toda a politica externa da França».

Ao começarem esta manhã os trabalhos da conferencia, Anthony Eden, Laval e Aloisi reuniram-se sem que estivessem presentes os peritos respectivos.—(Havas).

Os preparativos militares da Italia

ROMA, 16.—Anuncia-se oficialmente que em setembro proximo a Italia terá em armas um milhão de homens, devido á encorporação nessa data das classes de 1911, 1913 e 1914, que fazem parte das categorias que gozam duma redução na duração do serviço e que foram convocadas por decreto datado de ontem.—(Havas).

Os preparativos militares da Etiopia

LONDRES, 16—De Harrar (Etiopia) informam que o enviado especial da Reuter, que fez a viagem em caminho de ferro, de Addis-Abeba para Harrar, viu por toda a parte preparativos militares, levados a cabo com intensa actividade, sobretudo na região em que se espera um ataque das tropas italianas, dentro de cinco ou seis semanas.

Diz o mesmo jornalista que nos arredores de Harrar estão acampados 25.000 homens de tropas regulares e varios grupos de forças irregulares, e que entre Harrar e Djidjoa se encontram cerca de 100.000 homens. Por outro lado, segundo afirma o enviado especial da Reuter, existe uma consideravel quantidade de material de guerra em Djidjga considerado como um dos pontos vitais de defesa contra qualquer ofensiva italiana vinda do lado da Somalia. «Por toda a parte—escreve—se nota uma vontade inabalavel de resistir a toda e qualquer agressão italiana. Mas por toda a parte tambem se ouvem queixas contra a falta de armas, o que pode enfraquecer consideravelmente a defesa do país.—(Havas))

O imperador da Abissinia está a par das negociações

PARIS, 16.—O embaixador da Abissinia nesta capital continua a informar telegraficamente e com tarifa urgente, o imperador da Abissinia de todas as negociações e resoluções que os srs. Eden, Laval e barão de Aloisi tomam no que diz respeito á solução amigavel do conflito italo-abexim.—United Press).

A Italia importou da Alemanha três milhões de toneladas de carvão

ROMA, 16.—Anuncia-se oficialmente que nos primeiros seis meses do corrente ano a Italia importou 3.171.000 toneladas de carvão alemão, ou seja mais 1.170.000 toneladas que em igual periodo do ano findo. A Italia é actualmente o melhor cliente do carvão alemão.—(United Press).

Prossegue, em Paris, o duelo anglo-italiano, a que serve de arbitro o chefe do governo francês. Todas as formulas de transacção propostas por Laval não conseguem obter o assentimento dos diplomatas daqueles dois países. A posição da França é, em extremo critica. Pretende a todo o custo satisfazer os desejos da Inglaterra sem alienar as simpatias recentes da Italia—isto é, contar com as duas no caso de uma guerra com a Alemanha.

E' possivel, porém, que a França tenha até a certo ponto responsabilidades remotas na atitude da Italia. Quando da famosa viagem de Laval a Roma, não teria o politico francês, encorajado Mussolini nos seus projectos de expansão colonial?

A cedencia, por parte da França de uma pequena ilha do Mar Vermelho e a dalguns terrenos na fronteira da Eritreia indica-o claramente.

A França, conseguiu, então, com o minimo de sacrificios territoriais contentar a Italia, devendo ter-lhe prometido o seu apoio, pelo menos diplomatico, quando soasse a hora da conquista da Etiopia.

Todas as concessões de negus deixaram indiferente Mussolini. Quem saiba lêr a Imprensa italiana, da qual o Duce é oraculo, compreende, nitidamente, que a Italia pretende a todo o transe fazer da Abissinia uma colonia. Não se contenta com zonas de influencia economica, nem com os territorios deserticos do Ogaden.

Em verdade, devemos dizer que fraco seria o resultado obtido, em face das despesas gigantescas já feitas com o transporte de tropas e material para a Africa.

Mesmo sob o ponto de vista interno da politica italiana, Mussolini, que ha uma boa dezena de anos tem dinamizado o seu povo para grandes acontecimentos, necessita duma acção de envergadura, para corresponder aos signos da sua exuberante doutrinação belicista. Contou ele com a atitude decidida da Inglaterra, que lhe salta agora ao caminho, repetindo mutatis-mutantis *o mesmo gesto de Fachoda, quando a França ameaçava cortar-lhe a ligação entre o Egipto e a Africa do Sul? E' de prever que não. Mas se o leão inglês tem as garras aduncas, a aguia romana parece não se atemorizar. Claro que a posição da Inglaterra não se fundamenta em motivos humanitarios. Defendendo a velha Abissinia, ela defende o celebro castelo de aguas do Nilo, do qual o lago Tana é a principal fonte. E mais ainda, o caminho para a India, o Mar Vermelho, que um futuro imperio italiano, entre a dupla costa da Eriteia e a de Eritreia, viria mais tarde ou mais cedo a pôr em perigo a hegemonia britanica.*

A Italia transige? E' de supor que as mais complexas e habeis formulas diplomaticas não dêm resultado. O Giornale de Italia *é bem claro quando diz:*

«A Sociedade das Nações quere evitar a guerra que até hoje tem sido o unico meio de restabelecer o equilibrio entre os povos, cujo o poder deminui e aqueles cujo o poder aumenta. Só uma nova divisão dos dominios coloniais pode evitar a guerra. Está, porém, a Inglaterra que dispõe de um quarto de globo e os outros povos dispostos a fazer em Genova essa divisão?

De modo algum! Quando, no Renascimento, os Estados italianos, corrompidos até á medula, traficavam sobre as coisas divinas e humanas, havia nações que, com heroismo, á custa dos maiores sacrificios, traçavam sôbre o mundo uma pagina immorredoira e inapagavel da historia.

A Abissinia deve ter, como Estado independente, os dias contados. Agora ou ais tarde, é questão de tempo!

E' muito possivel, porém, que os italianos, enquanto os diplomatas discutem, repitam em grande, o gesto de D'Annunzio, em Fiume. Isto é, a invasão brusca da Abissinia para que os factos e não as palavras pesem no destino do mundo!

O FIM DE SEMANA 1900
NA CURIA
Graciosa e interessante evocação do principio do seculo

Sabado, 17 de Agosto—**Chá Dançante na Piscinia-Praia**—A' noite—**Grandioso baile 1900—Um estonteante "Can-can"**, por um grupo de "girls" discipulas de FRANCIS—**Valsas e canções da epoca,** pelo distinto artista ARMANDO RODRIGUES—**Monologos e Cançonetas**—**Toda a evocação da vida e costumes de ha 35 anos.**

Domingo, 18 de Agosto—**Reconstituição de uma praia dessa epoca,** com os seus banhistas e pitorescos trajos.—**Lino Ferreira,** o consagrado escritor teatral, fará o **comentario alegre do que foi a epoca de 1900.—Ribeirinho,** o distinto artista comico, interpretará conçonentas.

Uma bela tarde na piscina **Um alegre chá dansante**

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

AS ILHAS ENCANTADAS

VISÃO DE CABO VERDE

por AUGUSTO CASIMIRO

Dedicamos hoje as paginas do nosso «Suplemento» ás ilhas muito nossas de Cabo Verde. Colaboram nelas filhos ou amigos do arquipelago, prosadores ou poetas em cuja arte pulsa o coração dorido e tragico das ilhas.

Sentimos assim aumentado o coração da Patria. Portugal prolonga-se no Atlantico em corpo e alma e Cabo Verde é, como foi o Brasil,—a sintese duma cooperação em que a terra, e o sangue de raças diversas, temperados no cadinho do mesmo esforço, ergueram um novo valor que não deminui a vida e prolonga e amplia Portugal no mundo.

Ilhas desconhecidas já chamaram alguns a estas ilhas crioulas. De facto as desconhecemos quasi todos em Portugal. Ilhas adjacentes lhes chamou José Osorio de Oliveira, que nelas viveu e as ama... Adjacentes, sim,—tão proximas de nós que mal lhes vai a designação de colonias, e melhor seria chamar-lhes irmãs.

Eram, no meio do mar, dez ilhas, dez gritos solitarios, negros padrões de desespero.

Ali, rasgando a crosta da terra sob as ondas, do coração da terra tumido de chamas, irrompera o sangue ardente que se coalhara em montanhas. Cada montanha: uma ilha.

Nos topes dos montes fulguravam crateras. Dos flancos sombrios jorravam lavas. A terra respirava o tumulto dos *geisers* e das fumarolas. E os rios das lavas desciam, ardentes, da boca em fogo das crateras á frieza do mar.

Passaram os seculos sem conta. Foram-se calando as bocas desvairadas. O tempo, os ventos, as aguas, o mar, escultor que não pára, trabalharam o corpo das ilhas. Já as ultimas convulsões da terra tinham aberto os vales fundos, fracturado crateras, desmoronado montanhas.

O incendio apagou-se. A agua gerou a vida. Na face calcinada e tragica germinaram verdes. Nos flancos das montanhas brotaram fontes... Os monstros dormiam. As queimadas eram torrentes petrificadas. As crateras negras abafavam o grito da sua boca desorbitada sob as terras macias que iam fazer, de cada uma, regaços verdes.

Na ilha mais alta, testemunho da tragedia antiga, num meio sono interrompido de tormentas, vigiava, no Pico do Fogo—o ultimo vulcão.

Nós andavamos a refazer o mundo, descobrindo-o. Das gaveas das nossas caravelas os gageiros, em manhãs gloriosas, viam nascer terras novas, subir, como ofertas á nossa audacia, os altos picos, as ilhas solitarias e os largos continentes, ao de'cimo das ondas.

Em certa manhã de Primavera, o arquipelago amanheceu para o mundo. Tinhamo-lo descoberto, nós.

Abandono e silencio do principio do mundo. O mar batendo o supedaneo escuro das ilhas mais altas, ou arredondando baías nas de pequeno relevo que a erosão humilhara. Nevoas ao alto, com picos longinquos, a esconder-se em nevoas, perdidos nas alturas do ceu.

Aos que chegavam acolhidos, aqui e além, abrindo a muralha basaltica, a calma azul das baías que eram lagôas dormidas, talvez antigas crateras tomadas pelo mar. Vinham do alto aguas. Na boca das ribeiras, a agua cantava e alagavam os verdes. Entre os brutos fraguedos de basalto, de lava, aquele sorriso de primavera tentava e prometia. Nem tudo era hostilidade e bruteza naqueles monstros de lava arrefecida. O habito das ribeiras afagava e predia. E os homens povoaram a terra. Cabo Verde começou a ser de Portugal.

Solitarias no meio do mar as ilhas eram o seu proprio exilio. Nelas se desterrara a terra quando se ergueram, projectadas do coração ardente, pára as alturas do ceu. Agora iam ser a patria de desterro de duas raças—os portugueses e os africanos, dando-se as mãos, povoavam as ilhas, davam-lhe uma alma. A alma crioula é o abraço de duas almas, de duas raças, de dois destinos: Africa e Portugal.

O mar é bravo. O marinheiro é heroico. As viagens do mar são a epopeia. Mas a terra não tem menos braveza. Para conquistá-la sobem-se calvarios. A luta com os montes asperos, com a terra arida, com o clima diverso, consome, exige infatigaveis e quotidianos heroismos.

Conquistámos lado a lado portugueses e africanos escravos ambos da mesma saudade e da mesma indomita vontade a terra aspera. Povoámos, semeámos, criámos. Démos á terra bruta face amoravel e generosa. Erguemos povoações, cidades, nas bocas das ribeiras. Subindo os vales, devassando encostas, levámos a cabana, o fumo, a estancia, a aldeia, ao proprio regaço das crateras apaziguadas.

Já a terra muda de face onde a modela o nosso esforço. Desfunda-se a lava, e logo rompe, aqui e além, a alegria verde das semnteiras.

Rassôam pelas quebradas, confundemse sob o ceu sereno, os cantos de Africa e de Portugal.

Misturam-se nos hortos e nos pomares as especies de todo o mundo. A Africa, o Brasil, a India, a metropole europeia, cada uma dá o seu tributo á flora caboverdeana.

O algodoeiro, a vinha, a bananeira, a laranjeira, a humilde couve, o coqueiro esguio, a cana de açucar—crescem pelas encostas e achadas, á boca e ao longo das ribeiras, nalgumas ilhas.

Cruzam-se os sangues. Fundem-se os costumes. Nasce um dialecto novo—o português-crioulo. Ao colo da mãi—negra—andam os filhos da Africa e dos brancos. Portugal e Africa povoam a terra, baptizam os montes, as praias, as achadas, os picos e as caldeiras. Ha nomes que saem vivos das cronicas heroicas. Outros falam de Portugal ausente, repetindo a doce musica dos nomes que nos embalaram desde os primeiros seculos. Alguns evocam a patria dos exilados negros.

Por toda a parte a lingua, a religião, os costumes são os de Portugal. Sôbre o fundo africano, as coisas de Portugal, o sangue e a alma, predominam.

Em Cabo Verde forma-se uma civilização que tem uma individualidade propria e queé Portugal ainda. Portugal exilado no meio do Atlantico azul.

Mas são os carceres, as ilhas. Não deram os homens, ainda, á terra capaz de generosidade, o geito que lhe aumente a riqueza, a agua que multiplica os verdes, a arborização que minora a dura escassez das condições meteorologicas. E como a terra é escassa, o homem, com o coração pesado de saudades, emigra, parte para a terra alheia, busca novos exilios. Se pode... Ou fica nas ilhas crucificado, sobre a terra adusta, quando as aguas não caem, quando os verdes novinhos, das primeiras chuvas, mal nascem, começam a mirrar-se, a morrer.

Cabo Verde é um calvario. Ha que dar á sua Semana de Paixão o alvoroço duma aleluia.

AUGUSTO CASIMIRO

O amor crioulo, *desenho de Cowl*

QUADROS CRIOULOS

O canto dos bois

Nos trapiches de rama, nos terreiros, os bois tranquilos marcham sem descanso. Geme o pau de almagar, os coladores cantam. A cana do açucar, entre os ferros, desfaz-se em calda. A' roda. pasmam os montes gigantes. Lentos, os bois, de pescoço estendido, andam á roda. Um «colador» que os tange poisa a mão negra no flanco doirado dum animal. Só os ruidos do trapiche, numa queixa branda, do triturar da cana—perturbam o silencio enorme.

E os homens e os bois vão retardando o passo, quasi param, absortos...

Mas, de subito, os coladores cantam. Soltam um grito aiado, longo e nostalgico, que se prolonga e embala, dorido, a consolar-se. E' a saudade de Africa longinqua, a selva natal que se lembra, magoada? A voz sobe, na inspiração larga do peito. E' rude e sonora já com um tambor rufando, um grito de atalaia ou um espadanar de ondas.

Grita mas logo abranda... E é nostalgia, doçura, saudade. Sobre o fundo sonoro e barbaro a voz articula palavras. A musica leva ao colo uma alma. A alma e os versos são de Portugal.

O trancador de baleias

Manuel Cota René era baleeiro, trancador de baleias. Corria o mar nas longas viagens perseguindo os cetaceos. Os navios juntavam-se ás vezes nas paragens mais ricas da pesca. Em certo dia havia muitos na Desolation Island. E juntaram-se no maior de todos, em frota baleeira naquelas paragens. Era homem de todas as raças e de todo o mundo.

A alegria do marujo é rude. Faltava ali a graça, que policia e abranda os homens, de presença da mulher. Os marujos beberam, cantaram e lutaram, por fim, truculentos. Cada um falava com prosapia, da sua terra. E alguns chasqueavam de Portugal.

Manuel René decide-se a vingar a afronta. Pede licença ao capitão de bordo e desafia todos, todos os outros, um por um. E luta, e domina logo os primeiros. Os outros aplaudem, rompendo em aclamações ao pequeno Portugal desafrontado pelo rude baleeiro. Os oficiais presentes abraçam o trancador crioulo.

Manuel René era da ilha Brava, de Cabo Verde e de Portugal.

Bandeira de S. João

O quadro é do passado. Revive o Portugal colonial de outrora. No terreiro, diante da casa, da multidão de servos, erguese a voz da Africa domestica familiarmente comparticipando na festa dos senhores.

As mocinhas brancas e morenas. misturam-se, cantando, ás escurinhas netas dos escravos dos seus avós. Rasgam as nevoas os foguetes. Está saindo a bandeira, a caminho da igreja.

Lá vai o cavalo pelos «casais» de Rovuma, entre fogueiras que avermelham as nevoas, o cavalo dansarino, com o cavaleiro esbelto segurando a bandeira, ao meio da multidão que canta e bate as palmas, enquanto os tambores rufam. Nas janelas resplendem luzes. E o cavalinho lá vai aos upas, escorrendo suor e prosapias, ao meio do povo. dos clarões, das fogueiras, da nevoa, o cavalinho de S. Jorge com a bandeira de Portugal, dansando á cadencia dos cantos e das palavras do sertão africano.

A terra roxa dos massapés

Cavador crioulo, que fazes
debruçado sobre a terra roxa dos massapés?
Que segredos escutas ha quatrocentos anos?
Que raizes tenazes te prendem
ao ventre tirano da tua amante,
amortalhada na herva rala das achadas?

Um dia chegaram ás tuas ilhas de basalto
homens de rosto queimado ao sol do mar largo,
Traziam na alma a transfiguração de sonhos
escondidos para além,
sempre para além do horizonte....
Tinham os olhos povoados de imagens,
imagem da India
imagem de Prestes João
imagem da terra verde e ouro do Brasil....
Mas as tuas ilhas venceram-nos;
envolveram-nos num abraço feito de
nostalgias
inaugurações
esmagamentos de montanhas....
Semearam nas rochas das ilhas
os farrapos das belezas de além-mar,
perdidas, para sempre perdidas,
para além, muito para além do horizonte....

Misterios inauguratorios da madrugada colonial....
Ante-manhã de Cabo-Verde....

Depois,
a terra tingiu-se de dorsos negros
curvados no drama das plantações.
E um gemido secular varou as tuas ilhas.
Vinha dos cumes das serras,
espectrais sob o nevoeiro,
das ribeiras
aburguesadas no sorriso dos regadios,
dos terreiros de trapiche—
prolongado na dança-de-roda sem fim da almanjarra.
Era a angustia,
o banzo
do teu avô da Costa d'Africa....

Cavador crioulo,
ái o teu avô longinquo
curvado
na dôr das plantações!

Mas logo,
no engenho
na sombra das ribeiras
na extensão rala das achadas,
foi o drama
foram as núpcias,...

(Oritmo do batuque
perturba
e chama
para os ritos eternos do amor....)

De ai nasceste, cavador crioulo,
prisioneiro da terra,
bandeirante dos mistérios intérminos do mar.

Cavador crioulo,
que fizeste aos teus velhos de deuses?
Xangô,
Orun, que te morde na torreira da achada,
Oxú, que te faz sonhar
nas serenatas de violão e cavaquinho,
Yemanjá, que te atrai e mata
na sua casa do fundo do mar....

Porque não cantas mais, á noite nos terreiros
malé, malé.
assim combá
sembelélé?

Que te deixaram?
Tua alma hibrida
prêsa
ao sortilégio da terra,
à inquietação do mar.

Deixaram-te a herança pesada do depois.

(Oh o depois mestiço
nascido
do crepúsculo de hoje
e da madrugada de amanhã!)

... E sentes, sobreposta à tua velha da gleba,
a funda nostalgia do para além do horizonte.
Cavador crioulo, quem te deu as hortas
que tens, semeadas, no meio do mar?

Oswaldo Alcântara

A volta dos navios

Aos rapidos noivados nas ilhas, seguem-se as longas ausencias... Que o mar leva os homens para longe. Ali vivem-se ainda horas de Historia tragico-maritima,

O navio veleiro larga por esse mar de Deus,—outrora para a pesca da baleia, agora para a America onde o crioulo moureja o pão que falta nas ilhas.

Levam as ondas os veleiros lentos, passam os dias, as semanas, os meses, nas longas travessias. E, como outrora, ha navios que se perdem no pégo silencioso do mar. Os que voltam, em longos, demorados mundos, ou nas viagens rapidas de propicio vento, são a vida que volta. No alto dos montes vigiam atalaias... E se, na bruma azul, desponta a alvura duma vela, se não é ilusão do olhar o vulto marinho que aponta no horizonte, um grito sobe da terra, fica a vibrar longamente na altura, anunciando a nova:

—Seiló! Seiló!

E as casas alumiam ao cair da noite. Ardem fogueiras nas alturas. Os foguetes varejam as nevoas, as gentes acorrem, num alvoroço, á beira-mar.

Ano novo crioulo

Ultima noite do ano. Rola um tambor ao longe. Estralejam foguetes. Passa ao largo um harmonio. Grupos de crianças andam de porta em porta cantando os «reis».

...Como na provincia, nas «janeiras» e «reis» de Portugal...

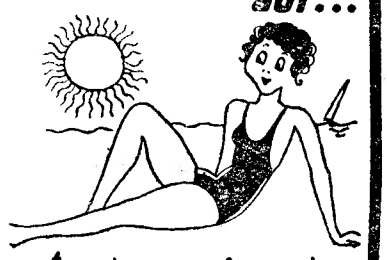
Andam os grupos musicais de casa em casa, duram os bailes toda a santa noite. Pelas ruas estreitas, á porta das moradas, ao som dos violões e das rabecas, canta-se em côro, em português ou em crioulo... Dentro, salas alumiadas, o baile suspende-se quando um grupo chega.

Festas boas e felizes...

E as «mornas» sucedem-se, as valsas, os «fox», as marchas, as velhas mazurcas. Servem-se doçuras, dessedentam-se os rapazes, a noite rola e chega um novo ano.

Numa noite como esta
Alegre do monte ao mar
Não ha ninguem que resista
A' tentação de cantar...

Nos banhos de sol...



É perigoso expôr a pele ao sol, por muito tempo, não se empregando o APYROL, que a preserva da ardencia dos raios solares..., e cura as queimaduras.

Apyrol

REGENERA E VITALISA A PELE

Dep. excl.: Raul Vieira, Lda. Rua do Prata, 51, 3.º—LISBOA

A' venda nas farmacias e nos bons estabelecimentos

O drama da terra

por BALTAZAR LOPES

Pimpinha é que levou a noticia. Logo depois do café Chico estava sentado na cadeira de balanço na salinha dos retratos de papai, a ouvir mamãi-velha que lhe contava um caso qualquer sucedido nas Casinhas. Pimpinha chegou toda afrontada bem apertadinha na sua blusa de vichi—e nem sequer deu bons dias: Nhô Chic'Ana tinha morrido.

?Como, como, nhô Chic'Ana morreu?

Logo mamãi-velha o encommendou á devoção de S. Miguel Arcangelo, que lhe guiasse os passos á porta do Paraiso.

—Ah-home, coitado de nhô Chic'-Ana!

Francisco levantou-se. Que diabo lhe bulia dentro da alma? Relanceou os olhos pelos arredores, até o alcance da vista—e nada: hortas secas, côr cinzenta, vegetação rala da carestia. Voltou para dentro. Mamãi-velha continuava a rezar pelos passos que o Santo Filho de Deus deu na rua da Amargura. Pimpinha, encostada á porta da entrada, seu corpo bem tomado nas roupas apertadas, lançava olhos distraidos pelos retatos da salinha. O barrete do Chico estava sobre o baú do outro quarto. Francisco saiu. Mamãi-velha mandou gente para ir descobrir a casa do morto. Deus que trouxesse consolança aos que ficavam. Coitado de nhô Chic'Ana. Homem agradavel muito amigo dos familiares da casa de Mamãi-velha. Era raro passar ao pé da porta sem dar fala, a vêr como estavam os amigos. Com Chiquinho, então, era uma cegueira. Muito amigo do Chiquinho, nhó Chic'-Ana. Tambem—tinha de quê, pois Chiquinho parecia ter entulhado alguma riqueza de sociedade com nhô Chic'Ana. Volta e meia, lá estava ele na Casinha do Campo em conversa com o velho. E eram falas que não acabavam. Ambos muito camaradas nhô Chic'Ana dentando o pito do cachimbo, e Chico sentado num pilão, atento como cachoro á espera de comida do dono.

Francisco foi direito a casa do morto. Ouvia a guisa das mulheres chorando nhô Chic'Ana. E aquela guisa parecia-lhe coisa nova. Era nhô Chic'Ana que choravam? A guisa vinha da casa onde seu corpo estaria esmirradinho sôbre a cama de fincapé de purgueira. Mas Francisco não podia compreender que aquela guisa fôsse por morte de Chic'Ana. Havia qualquer coisa naquele choro que excedia nhô Chic'Ana. De que teria morrido nhô Chic'Ana? Andava ultimamente muito fraco de cara chupada, olhos esgazeados. Girava, dava suas voltas, mas com ar de quem queria que lhe dessem alguma coisa para consolar o estomago. Pernas trôpegas—mal podiam aguentar seu corpinho fracoentado. Sentava-se nas paredes do caminho e o olhar que ele relanceava era igual ao daquela gente de Norte-Abaixo que emigrava para a vila, batida pela fome na sua ribeira. Nhô Chic'Ana morreu de fome. Uma angustia profunda invadiu a alma do moço. Nhô Chic'Ana morreu de fome. Sentiu vontade de gritar para que todos ouvissem. Nhô Chic'Ana morreu de fome. A' direita, á esquerda, a vista era a mesma. As mesmas hortas, nuas no seu chão de barro, amaninhadas pela seca e pelas mandibulas dos gafanhotos, vestidos de fraque cinzento. As sementeiras tinham-se perdido. Nhô Chic'Ana morreu de fome. Na casa do morto já havia muita gente. As mulheres entoavam uma guisa muito sentida, com contra-canto. A filha de nhô Chic'Ana passeava pelo quarto, com o corpo curvado para diante, um lenço na mão, a abanar, a abanar. Nhô Chic'Ana agora, depois de morto, era o portador de mensagens para o além-tumulo. Davam-lhe recados para levar aos que tinham ido. Não se esquecesse de lhes falar da saudade que deixaram. Que a vida era sem gosto depois que eles partiram. Pedissem a Deus Nosso Senhor pela felicidade dos anjinhos que tinham ficado orfãos do calor dos papais e das mamãis. Dirigiam palavras choradas á filha do morto. Nunca mais falaria com nhô Chic'Ana.

Nhô Chic'Ana já não lhe pediria lume para acender o cachimbo.

Nhô Chic'Ana já não lhe botaria a benção. Ela já não tinha o seu papai para lhe dar a benção. Adeus nhô Chic'Ana. Que ela consolasse Mamãi. Corresse a mão por mamãi, que ficava neste mundo, tão angustiada.

Francisco aproximou-se da cama de finca-pé. A viuva recebeu-o com grande admiração de choro Ah Chico! Tinha morrido seu grande amigo. Nhô Chic'Ana já não conversaria mais com ele. Que viria Chico fazer doravante na casinha do campo? Nhô Chic'Ana já não botaria aqueles exemplos que tanto o enxeretinham.

Nhô Chic'Ana lá estava todo mirradinho, seu corpo magro a perfurar de ossos a manta que o cobria. Francisco sentiu uma comoção profunda inundar-lhe a alma. Nhô Chic'Ana morreu de fome. Na ilha morria-se de fome. Seu velho amigo morreu de fome. Encostou-se á cama, a cabeça tomada nas mãos angustiadas. Era como se qualquer porção de si mesmo tivesse morrido com nhô Chic'Ana. Nhô Chic'Ana, crioulo da sua ilha, morreu de fome. Na sua emoção dolorida passaram rapidamente evocações, seus dias de infancia povoados de lembranças de Nhô Chic'Ana. Ainda o viu, de corpo mais valido, na tirania da lavoura. De sol a sol—curvado na enxada. Destino de nhô Chic'Ana—e enxada. Nasceu com ela, ela o enterraria. Nas tardes Francisco vinha á casinha do campo. Nhô Chic'Ana fazia-lhe hominhos de barro, que ele baptizava com nomes da historia de Carlos Magno. Outras vezes talhava-lhe navios de purgueira. E era o regalo de Chiquinho ir correr os navios no tanque de Antonio-Gêgê com os companheiros. Nhô Chic'Ana contava-lhe casos da sua vida de marinheiro as terras que tinha conhecido—nos intervalos da enxada. As suas palavras eram lentas, sentenciosas. Chiquinho pedia a nhô Chic'Ana que lhe contasse historias:

—Nhô Chic'Ana, você conta um caso...

—Não tem tempo...

—Conte, nhô Chic'Ana!

—Nhor não, contar historias de dia faz pelar a capela dos olhos.

Mas Chiquinho já lhe conhecia o fraco. Tirava da algibeira um bocado de herva para fumar, e logo nhô Chic'Ana estendia a mão.

—Ah, nhô Chic'Ana, você vai contar... Se eu lhe der a herva você conta?

—Nhor sim!

E nhô Chic'Ana começava. Antigamente tinha uma casa muito grande no fundo do mar. Lá dentro só morava uma mulher, que estava sempre sentada numa cadeira de balanço. Ao pé dela estava um barril, dentro do barril tinha uma bola de ferro dentro da bola tinha uma boceta, dentro da boceta uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo um fio de cabelo. Neste fio de cabelo é que estava a força daquele-homem-pelo-sinal-da-santa-cruz. Os pescadores, quando chegavam ao rolo do mar, viam uma grande facha de lume que vinha lá do fundo. Muitos moços, atraidos pela luz, quizeram ver a mulher. Entraram no mar, mas o mar abriu-se e os enguliu. E os moços nunca mais voltaram...

E agora ali estava, morto, nhô Chic'Ana. Morto de fome. Era a infancia a adolescencia de Francisco que morreram. De fome. Naquele momento, nhô Chic'Ana transcendia no tempo a propria infancia de Francisco. A fome de que nhô Chic'Ana morreu era o laço que prendia a sua morte á alma crioula de Francisco. Fatalidade crioulo. Seu destino, traçado na apertura das rochas áridas em frente do mar—morrer de fome. Seu ciclo—a enxada e a fome. Depois, a propria enxada a enterrar a fome, na lavora do tumulo, a dar humus á terra.

O saimento de nhô Chic'Ana era ás duas. A's duas nhô Chic'Ana sairia da casa para a sua morada debaixo-de-chão. Antes da caminhada para a Tabuga, tinha o acompanhamento de ir á Vila, para a reza na porta da Igreja. Francisco saiu. Foi andando caminho arriba, rumo á casa. De longe ainda se ouvia o choro. Apressou o passo, a fugir á guisa. Mas tudo chorava nhô Chic' Ana. Nhô Chic'Ana não deixou viuva apenas a velha companheira que ficou abatida junto da cama de finca-pé. A terra tambem era mulher de nhô Chic'Ana. Nhô Chic'Ana ia a enterrar ás duas. A's duas poriam nhô Chic'Ana no esquife da pobreza: quatro paus de piteira e uma manta velha. E esburacada. Os crioulos levá-lo-iam como num andor, com respeito. Em silencio compungido. Iriam desbarretados. Porque nhô Chic'Ana era eles. Eles eram nhô Chic'Ana. Prisioneiros da terra. A' saida, a guisa aumentaria. (Adeus nhô Chic'Ana, adeus nhô Chic'Ana, para a terra da saudade). Nhô Chic'Ana não seria encomendado com cantigas sacras.

Ele apenas seria posto na porta da Igreja. Só rezas. Nada de missas. Se nhô Chic'Ana morreu de fome, onde encontrar dinheiro para os cinco mil e quinhentos da encomendação solene O acompanhamento de nhô Chic'Ana. Francisco saiu a dar uma volta, questão de se entreter, ver se alma virava menos sombria. Encontrou logo a Nina Zepa. Uá! Que corpinho bem feito! Mas Chico não viu Nina e o seu corpinho bem feito. Em tempos tinha botado namoro com a Nina. Todas as noites, assim que Mamãi recolhia, saia de muito á cautela, e ia encontra-se com a Nina debaixo de pé de belasombra ao lado da casa. Rapariga de fogo. Quente como braza de tortolho. Fartou-se de a desnatar. Ah se a terra não tivesse justiça! Por isso, Chico andara relampiado, fracalhote com ar de passarão dado-de-fogo. Qual Nina Zepa! Enterro de nhô Chic'Ana. As duas nhô Chic'Ana sairia da sua casa para a morada de nós todos, no fundo da Tabuga. A Agua-de-Canal estava cheia de gente á cata da agua, que escasseava cada vez mais. Do alto do Alberto vinha um fio magro como cação. Havia guerra declarada para uma qualquer encher a cêlha.

Francisco foi descendo, rumo á casinha do campo. Ia sair o enterro de nhô Chic'Ana. Em breve seu corpo ia deixar a casa para nunca mais. Os homens aproximaram-se da cama. A velha estava abraçada ao corpo de nhô Chic'Ana. Consolaram-na. Nhô Chic'Ana ia para a Gloria. Deus Nossenhor era amigo de nhô Chic'Ana, porque Nhô Chic'Ana era bom. As exclamações de choro aumentaram. Um velho, gravemente, rezou em voz alta a Remia-mia, que livrasse nhô Chic'Ana do fogo dos infernões. Botaram nhô Chic'Ana no esquife de piteira. A viuva ficou deitada na cama de cancaram a chorar o velho. Fêz as suas despedidas. Para quê, se em breve ela iria ter com nhô Chic'Ana? Agora ia nhô Chic'Ana para a terra da saudade.

Companheiro de mais de cinquenta anos. Porque a deixava a ela, velha e fraca, nesta vida castigada?

O acompanhamento saiu. As mulheres choravam, faziam a guisa em altos gritos, lamentando a morte de nhô Chic'Ana. Gente ia encorporando-se no acompanhamento. Nhô Chic'Ana nunca esperou ter tanto povo a levá-lo á sua casa de debaixo-de-terra. Francisco ainda lhe viu, antes do saimento, a carinha mirrada em que os dentes se mostravam descascados no seu sorriso resignado de pária a-pesar do lenço que lhe sustinha o queixo. Parece que queria contar a Chiquinho sua ultima historia, antes de ir fumar cachimbo para o outro mundo. Atravessaram a aldeia, desceram a Ladeira-de-Lapa—e apenas se ouvia de quando em quando um esboço de choro, abafado nos lenços grandes das mulheres. Tirante isso, só a trupida cadenciada dos passos descendo rumo á Vila. O enterro de nhô Chic'Ana.

Enterro do crioulo que ia para a Tabuga, por não ter morrido no mar, ou em terra de gente, lá para longe longe das terras das ilhas. Mas era a nhô Chic'Ana que iam dar cova—e em Sam-Nicolau. Sim, nhô Chic'Ana morreu de fome. Na ilha morria-se de fome. Muitos que iam no enterro e mal podiam chorar morreriam de fome amanhã.

Nhô Chic'Ana foi posto na porta da Igreja. Os sinos não tocaram sinal. O sinal era para os mortos que pagavam cinco mil e quinhentos. E nhô Chic'Ana não podia pagar cinco mil e quinhentos. Pois se nhô Chic'Ana

(Vêr continuação na pagina seguinte)

Um novo romance de amor de
Manuel de Campos Pereira
Almas sem rumo
Do mesmo autor:
Direito de Amar — Drama do Rio Belo
Cabeças Loucas
E' uma Edição da Livraria Lello
PORTO

O DRAMA DA TERRA

(Continuação da pagina anterior)

tinha morrido de fome... O padre apareceu com a sacristão e rapidamente rezou umas rezas. O terreiro da igreja tinha-se calado, caladinho. Era o enterro de nhô Chic'Ana. Nem sequer garotos andavam jogando a bola. O ponteiro do relogio da Sé estava mesmo sobre as quatro. Um raio de sol brincava no mostrador do relogio da Sé. Quasi quatro—a reza de nhô Chic'Ana á porta da Igreja. Tudo estava calado. A reza era calada, os homens estavam calados, recolhidos, a pensar, nem se sabe o quê. Na Vila inteira com certeza tudo estava calado. Os enterros só são barulhentos quando o sino da igreja toca o sinal. Mas para os sinos tocarem o sinal é preciso haver dinheiro para pagar cinco mil e quinhentos.

O acompanhamento atravessou a ponte velha. A ponte fóra feita para estabelecer comunicação entre as duas vertentes da Vila nos dias de grande ribeira. Mas agora a ponte estava velha—a cair tabuas. Não chovia, para que servia ponte? Na estrada do Lombinho o acompanhamento alongou-se nos cotovelos do caminho, sobranceiro á Maiama. Tudo seco. Secas as bananeiras. Secos os plenos de cana. Só os coqueiros erguiam o corpo esguio e alto de Galalão, com o cocuruto á espreita do mar—a uivar na boca da ribeira. Mais para diante, enviusando um pouco para a esquerda, eram as planicies famintas do Norte-a-baixo A fome era lá mais rapada, mais cram. Seguia o enterro de nhô Chic'Ana. Lá estava em baixo, alvejando de paredes caiadas, o cemiterio da Tabuga. E o corpinho de nhô Chic'Ana ia balançando docemente aos hombros dos crioulos. Era um crioulo que ia a enterrar. Os crioulos iam dar terra a um irmão. Amanhã outros irmãos lhes iriam dar cova. Ao menos debaixo de terra sente-se a chuva nos ossos a todo o tempo que ela vier. Calê cinco mil e quinhentos! Melhor encomendação do que a fritura da agua e o barulho da chuva caindo não pode desejar o filho-das-ilhas. Nhô Chic'Ana deu entrada no cemiterio. Já o coveiro e mais dois rapazes lhe tinham preparado a cama-de-chão. Rezaram padre-nossos e Gloria-Patri. Nhô Chic'Ana ia ser enterrado. Já não sentiria mais fome. Já não morreria de fome. Havia melancolia na ultima claridade do sol que perfurava as sombras das rochas e descia até o cemiterio, mas era alegre o esquife de nhô Chic'Ana seu corpo encolhido, encolhidinho, que ia libertar-se da fome. Acomodaram o corpo no fundo da cova. Quando se semeia tambem se acomoda a semente, para o olho vir á flor mais desembaraçadamente, livre das terribezas do bico-de-chão. As pás botaram errra. Em breve a cova ficou rés-vés do chão. Nhô Chic'Ana foi semeado. Semeado em seco. Não tinha chovido, mas quando chovesse nhô Chic'Ana ainda aproveitaria a chuva, pois o bicho-de-chão não podia entrar com ele.

BALTAZAR LOPES

(Capitulo do romance inedito *Expansão)*

CANTICOS DO ARQUIPELAGO

A Augusto Casimiro

Malditos
estes anos de seca!

Mete dó
o silencio triste
da terra abandonada
esmagada
sob o peso
de sol penetrante!

Ha quanto tempo não rodam
as pedras dos moinhos!
Ha quanto não se ouve
o som monotono e madrugador
dos pilões cochindo...
—ai esse ruido anunciador
das refeições do povo!

De dentro das casas
nem fio tenuissimo
de fumo subindo...

Pobres enxadas
que não servem mais
Esquecidas nos cantos dos quintais
cobertas de poeira e de estrume...
—Coisa inutil as enxadas
deixadas
sem cabos
por ali ao abandono!

Arvores pasmadas
sequiosas
com restos ainda
dos ninhos que abrigaram
dexam rogativas silenciosas
no desolamento da paisagem...

De dentro das casas
nem fio tenuissimo
de fumo subindo...

Em tudo
o cenario dolorosissimo
da estiagem
—de fome!...
—de fome!...

De «Estiagem»)

RUMORES

Rumores das coisas simples da minha terra...

Dos trapiches
Quando esmagam a cana para o «grog»
com os bois pacificos a rodar
sempre a rodar
ao som desse canto que vem dos currais
numa cadencia estranha de nostalgia
que deixa um arrepio a morrer no ar...

Rumores das salinas,
dos rodos nas maretas,
das carretas
levando o sal na via ferrea...

Rumores do Porto-Grande,
do carvão
caindo nas lanchas metalicas,
das ancoras
dos guinches
das sereias
dos apitos
e dos gritos,
dos gritos nocturnos nos botes da baía...

Rumores do romper da manhã,
nos pilões
cochindo o milho para a comida do povo,
na gente
que chega ao mercado,
em todo esse alegre afan
de coisas humildes...

Rumores de fainas maritimas
dos pescadores lançando
os botes ao mar,
dos veleiros cruzando
o arquipelago...

Rumores pagãos
das coladeiras de Santo Antonio
e São João, de São Pedro,
ao som dos tambores...

Rumores de dramas agricolas,
da chuva que vem
que não vem...

Rumores tagarelas
nas lojas rurais,
ás portas dos regedores,
do urim, da bisca, das damas...

Rumores musicais
das mornas
dansadas
das mornas
tocadas
das mornas
cantadas...

... e das ondae

á roda das Ilhas...

(De «Arquipelago).

JORGE BARBOSA

PARTIR

A tristeza da separação
é a revolta dos que ficam,
a alegria dos que vão...

Ai certos convites de nevoas na tardinha
a chamar, a chamar por alguem...

(Ao chamamento
quanta garganta não responde!)

Quem me dera ser a andorinha
para ir tambem...
Pudera eu ser o sopro do vento
para seguir, desfeito, nem sei 'té onde...

...—até não sei que abismo, nem que pégo,
ou onde o horizonte fosse maior, o azul mais claro, o sol mais brilhante...

—Seguir na esteira do desassossego,
meu Santo Gral perdido para diante!...

S. Vicente, junho de 1935.

MANUEL LOPES